



A FÁBRICA DO FREIXO

OS SABÕES DA CUF NO PORTO

Madalena Romão Mira

Raquel Medina Cabeças



FUNDAÇÃO
AMÉLIA DE MELLO
desde 1964



A FÁBRICA DO FREIXO

OS SABÕES DA CUF NO PORTO

Madalena Romão Mira

Raquel Medina Cabeças





FICHA TÉCNICA

TÍTULO

A Fábrica do Freixo: os sabões da CUF no Porto

AUTORES

Madalena Romão Mira
Raquel Medina Cabeças

DESIGN GRÁFICO

Raquel Medina Cabeças

CAPA

Imagem cedida pela Fundação Amélia de Mello
(FAM-ACAS, *Fábrica do Freixo, Rampa de acesso
ao rio Douro*, Porto, AFCAS - 58415).

IMPRESSÃO

ACDPrint

ISBN

978-989-9002-31-9

DEPÓSITO LEGAL

518069/23

EDIÇÃO

Fundação Amélia de Mello
Autónoma Edições



ÍNDICE

INTRODUÇÃO 6

CAPÍTULO I | EXPERIÊNCIA PRÉVIA: AS FÁBRICAS DE SABÃO EM ALCÂNTARA 10

CAPÍTULO II | A PAR E PASSO: A QUINTA DO FREIXO, AS FÁBRICAS E OS PROPRIETÁRIOS 20

CAPÍTULO III | OS SABÕES NO GRANDE PORTO 52

CAPÍTULO IV | DE FÁBRICA A HOTEL: NOVOS TERRITÓRIOS DO PATRIMÔNIO 66

CONCLUSÃO 80

NOTAS 86

APÊNDICE DOCUMENTAL 94

LISTA DE FIGURAS 110

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 114

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX convergem uma série de acontecimentos determinantes para a indústria do sabão.

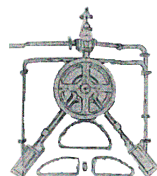
Os esforços de aprimoramento de técnicas de produção, que já vinham do século anterior com os trabalhos do químico francês Nicolas Leblanc, beneficiaram dos avanços científicos de Harley Procter e James Gamble, ingleses estabelecidos nos Estados Unidos da América.

Por outro lado, as novas práticas de higiene pessoal e ideais de limpeza vêm contribuir para o crescimento desta atividade. A reforma sanitária em Inglaterra inspirou uma série de medidas em território nacional, protagonizadas por Ricardo Jorge (1858-1899)¹, desde o estabelecimento da Direção Geral da Saúde e Beneficência Pública, o Instituto Central de Higiene, ou o Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública², ações que se associam ao aumento do uso do sabão. O seu uso generalizado fá-lo perder o carácter de artigo de luxo.

Em Portugal, durante séculos o fabrico deste produto constituía um monopólio do Estado, e foi objeto de exclusivo senhorial, à imagem de outros produtos, mas em 1857 põe-se um “ponto final neste multicentenário monopólio de fabrico e venda do sabão”³.

Beneficiando deste novo contexto, várias são as empresas que se posicionam como fabricantes. Uma destas empresas é a Companhia União Fabril, que em 1865 licencia por alvará a produção de um triângulo de produtos - sabões, velas e óleos vegetais - associando a história da CUF à indústria da saboaria.

Apesar da grande concorrência, principalmente a norte, Alfredo da Silva vai impulsionar esta atividade. Este trabalho acompanha esta jornada empresarial com o selo da CUF e o protagonismo de Alfredo da Silva, que passa pela aquisição da fábrica no Porto, favorecido pela experiência prévia na capital. Um contributo que pretende dar continuidade à história das saboarias da CUF⁴, com base em documentos e fotografias inéditas que aportam novos dados, sobretudo, sobre a fábrica do Freixo.



AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Miguel Figueira de Faria (DHAH_UAL), diretor do Centro de Estudos de História Empresarial (CEHE_UAL), pelo apoio e pela indicação para a realização desta obra; à Fundação Amélia de Mello (FAM), na pessoa do Dr. Jorge Quintas, pela oportunidade, pelo acesso à documentação necessária à investigação e pela cedência de fotografias; à Cooperativa de Ensino Universitário, CRL, entidade instituidora da Universidade Autónoma de Lisboa (CEU_UAL) e ao Administrador da Autónoma Edições, Dr. Fernando Rodrigues Martins (CEU_UAL); ao Dr. Gilberto Gomes, do arquivo da Fundação Amélia de Mello – Arquivo CUF Alfredo da Silva (FAM-ACAS); ao Dr. Ricardo Ferreira pelo envio das imagens da marca Floral; à Dr.^a Inês dos Reis Gonçalves (FAM); e à Dr.^a Marta Naughton Simão (Grupo Pestana).

CAPÍTULO I

EXPERIÊNCIA PRÉVIA: AS FÁBRICAS DE SABÃO EM ALCÂNTARA

Em Alcântara as chaminés das fábricas ao longo do Tejo vislumbra-
vam-se na linha de horizonte até Xabregas. O local registou um aumento da
presença industrial no século XIX, com a instalação, entre outras, da “Fábrica
de azeite, do Sr. Burnay; a Fábrica de sabão, velas de estearina e diversos óleos,
do Sr. Visconde da Junqueira; a Fábrica de extração de óleos, da Companhia
Lisbon Oil Mills Limited; a Fábrica da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonen-
se e a Fábrica de tapetes e outros lanifícios, do Sr. Bernardo Dauphiás & Ca.”⁵.

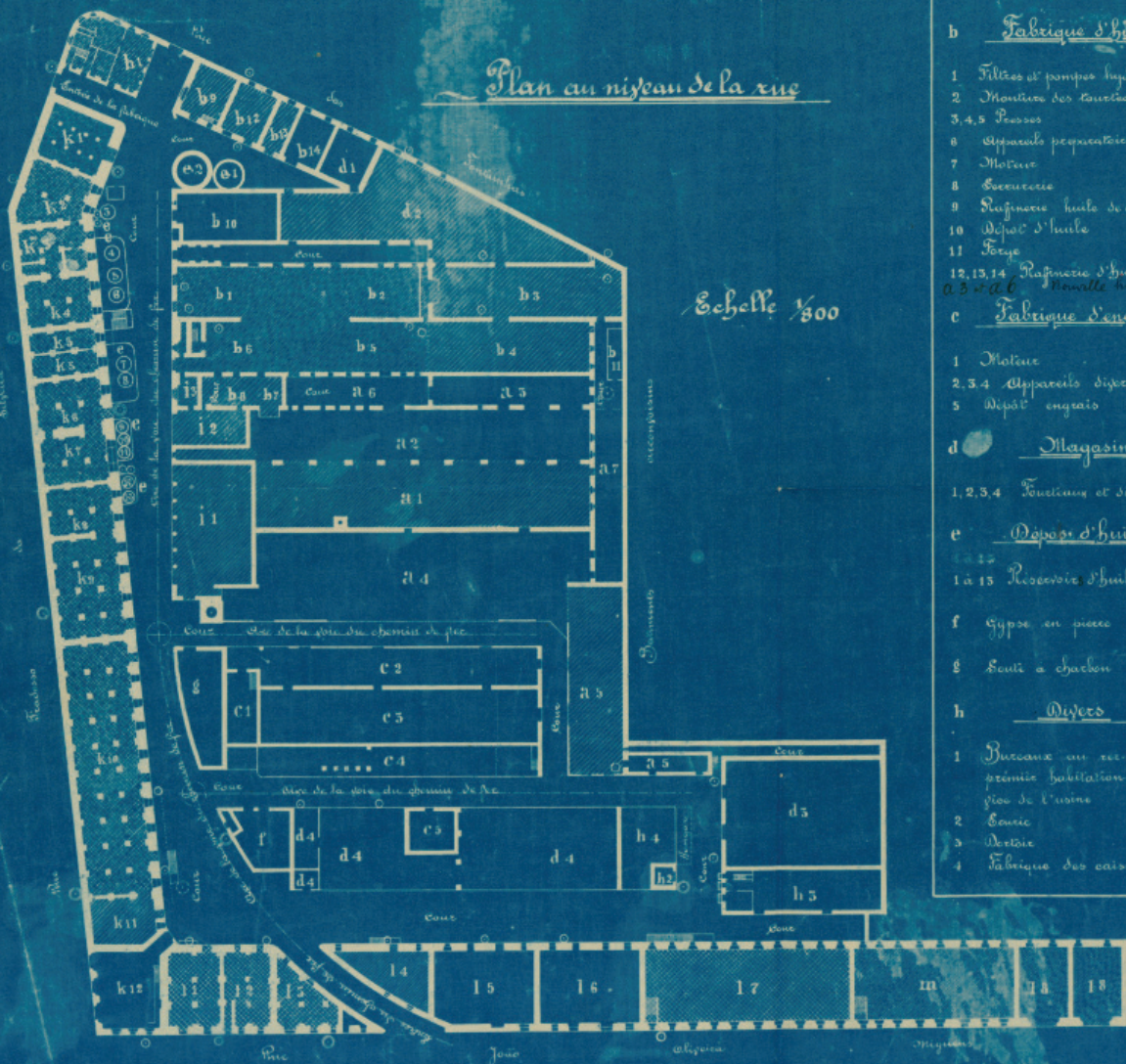
O processo de industrialização intensificou-se em Alcântara e Belém,
apoiado pela construção dos caminhos de ferro, nomeadamente a estação de
Alcântara, e de docas para exportação de produtos, passando a zona a ser o
mais importante polo industrial da cidade, onde o operariado da produção de
sabões, velas, azeite, óleos e tecidos dava vida à malha urbana⁶.

A introdução da máquina a vapor nas unidades industriais aumenta a
produção, não só a ocidente como a oriente da capital, bem como o número
de operários devido à elevada procura de trabalho⁷.

Rue des Fontaines

Plan au niveau de la rue

Echelle 1/500



- 1 Chaudières
- 2,3,4,6,7 Mises
- 5 Exposition

b Fabrique d'huiles

- 1 Filtres et pompes hydrauliques
- 2 Montures des tourteaux
- 3,4,5 Presses
- 6 Appareils pépénatoires
- 7 Moteur
- 8 Sécurettes
- 9 Rafinerie huile de coton à la vapeur
- 10 Dépot d'huile
- 11 Forge
- 12,13,14 Rafinerie d'huile de Coprah
- 15,16,17 Nouvelle huilerie

c Fabrique d'engrais

- 1 Moteur
- 2,3,4 Appareils digestes
- 5 Dépôt engrais

d Magasins

- 1,2,3,4 Fourneaux et sifons

e Dépôt d'huiles

- 1 à 15 Réservoirs d'huiles en plein air

f Gypse en pierre

- 1 Gypse en pierre

h Usines

- 1 Bureaux au sud de l'usine, au premier habitation des chefs de sec
- 2 Usine
- 3 Usine
- 4 Usine des caisses

No final do século XIX, a freguesia contava com algumas das empresas mais relevantes do país, entre as quais a Companhia Aliança Fabril, com a Fábrica Sol, e a União Fabril, com a Fábrica União, ou das Fontaínhas⁸, e cuja fusão, dando origem à nova CUF, vai transferir o foco industrial para o Barreiro em 1907⁹. O *know-how* da Alcântara será colocado posteriormente ao serviço do Freixo.

BREVE NOTA SOBRE AS FÁBRICAS UNIÃO E SOL

Quando a Companhia Aliança Fabril (CAF) é criada em 1880, já Henry Burnay integrava o conselho de administração da União Fabril (UF), desde 1875¹⁰.

Localizadas no eixo da zona ribeirinha, a fábrica Sol da CAF e a fábrica das Fontaínhas, da UF, dedicam-se a produzir sabões, velas, óleos de purgueira, glicerina e oleína e partilham iguais desafios no que concerne aos problemas alfandegários, impostos às matérias-primas e produtos concorrentes de

importação. É, pois, sem surpresa que a UF faz a “Aquisição de uma importante empresa de produtos congéneres” como se afirma na ata da assembleia geral, em abril de 1898¹¹, adquirindo assim, entre outros ativos da CAF, a fábrica Sol, delimitada pela travessa do Baluarte e pela rua do Arco a Alcântara, num terreno de cerca de 8000m²¹², e os terrenos do Freixo, no Porto como se lê na respetiva escritura¹³.

A renovada Companhia União Fabril (CUF) tem agora melhor posição para ganhar economia de escala, maior capacidade de produção e fica fortalecida face à concorrência.

Nos primórdios a CUF evidenciava uma superioridade em relação à CAF, visível na publicidade das caixas de sabonetes Adamastor, Portugal e Mousinho, que se apresentavam com

“um rotulo quadrilongo, tendo na parte superior a denominação e sede da registante, a que segue a indicação de ser fornecedora da Casa Real e as armas reais, e a das recompensas obtidas nas exposições de Paris em 1878, Lisboa em

1888 e Anvers em 1894; ao lado esquerdo a palavra «Sabonete», tendo na parte inferior dois círculos concêntricos rodeados de diversos ornatos, entre os quais se lê na parte superior «Companhia União Fabril» e na inferior «Lisboa» e tendo no centro uma figura representando a indústria com uma coroa na mão direita e rodeada de diversos aparelhos, vendo-se inferiormente as letras «C. U. F.» e as palavras «Marca registada»¹⁴.

Cumprindo as mesmas obrigações, a CAF mandava publicar o preceituado para barras de sabão: “A marca consiste num retângulo com a figura do sol à esquerda, de onde partem raios para toda a marca. À esquerda as palavras «Aliança Fabril»”. As caixas mostravam

“no ângulo esquerdo superior uma figura de mulher representando o sol, dentro de uma circunferência, de onde partem raios em todas as direções ao longo da marca. Sobre este círculo lê-se «Fabrica Sol», e na parte superior do retângulo «Companhia Aliança Fabril. Lisboa», e sobre estes dizeres a palavra «Sabões», em letras de fantasia. Sobre a circunferência, envolvendo a figura de mulher e um pouco ao lado, lê-se em letras pequenas «Marca registada»¹⁵.

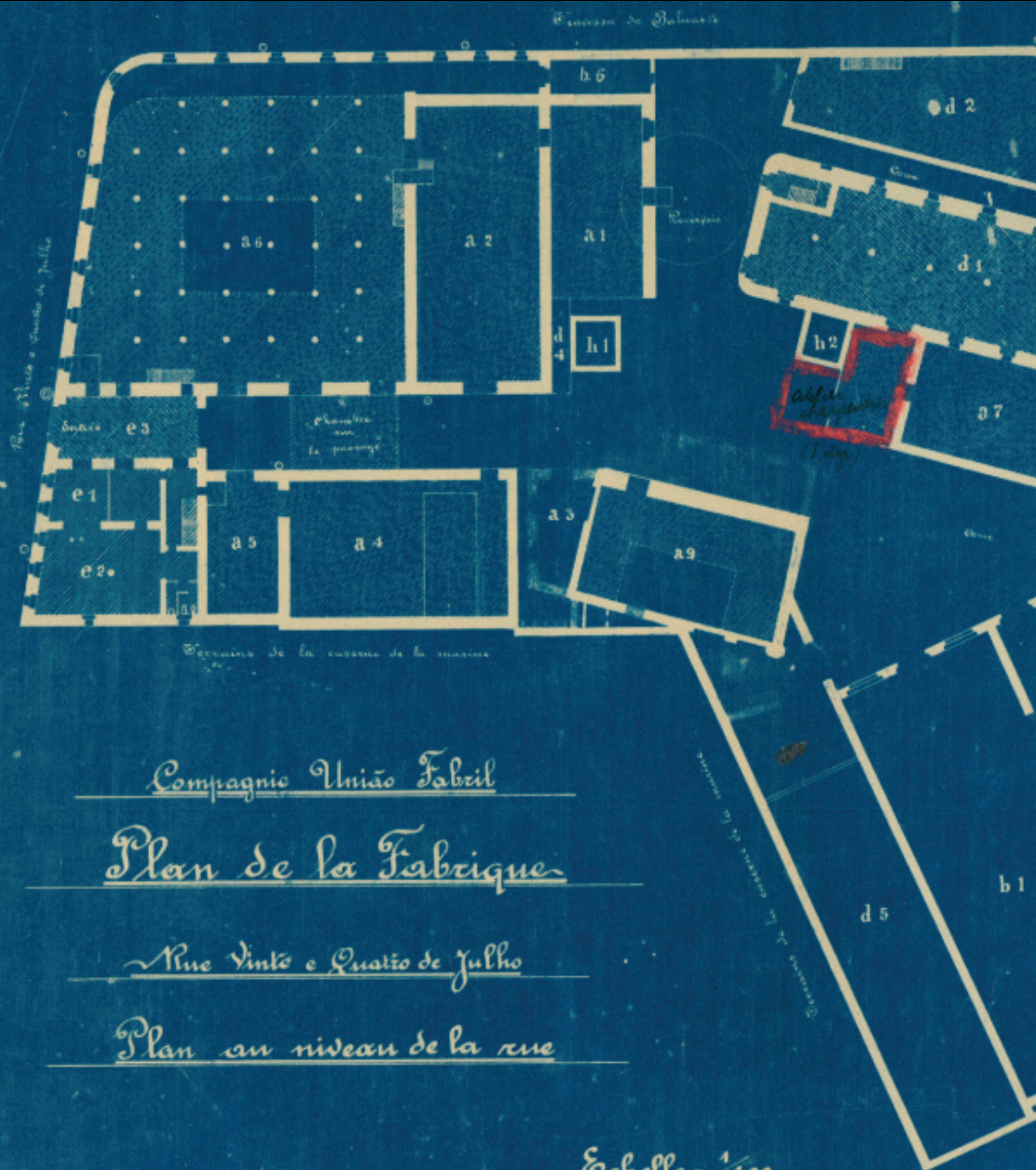
Ambas produziam sabão do tipo Alcântara, Alsina, Offenbach, Imperial, Gordo, Amarelo, Preto, Amêndoa, Camões, Mulla, nomes cunhados sobre o sabão com os desenhos em reentrância.

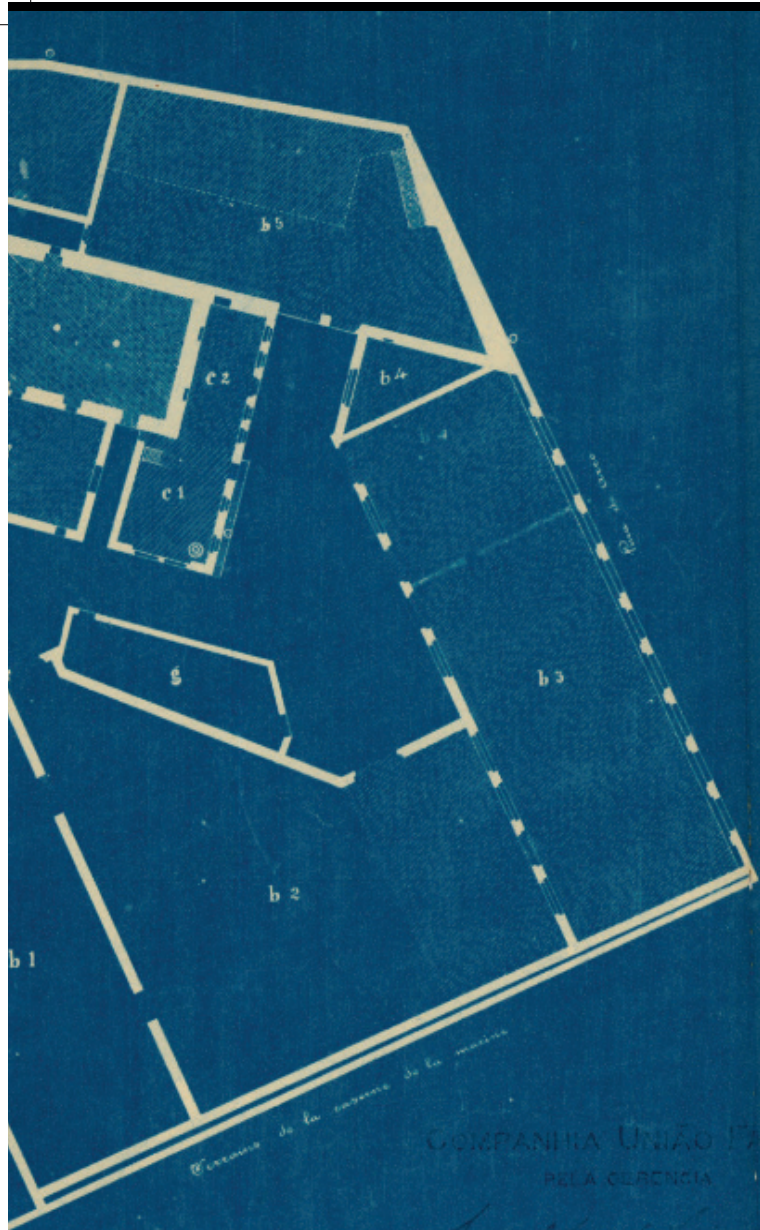
No início do século XX a qualidade do fabrico de sabão regista problemas com a mão de obra. Alfredo da Silva procura equipamentos e operários no estrangeiro, acabando por contratar um técnico alemão e um mestre inglês, antigo chefe de produção da John Crosfield & Sons, empresa especialista em sabões, e adotando métodos aplicados em Inglaterra, nomeadamente na alteração dos moldes de sabão¹⁶.

Na primeira década do século XX as fábricas de Alcântara perspetivam os benefícios da proposta de construção de um ramal de caminho de ferro com ligação à linha de Cascais¹⁷. As várias obras de alteração em ambos os equipamentos fabris, com incidência para a Sol na sequência de um incêndio em 1898, prolongam-se até aos anos 20.

Nos anos 30, a transformação do Vale de Alcântara é rápida e potencia o aumento da população, transformando a área suburbana num bairro urbano. O processo de industrialização intensificou-se na capital, nomeadamente de Alcântara a Belém, onde foram estabelecidas fábricas e docas para a exportação de produtos, juntamente com melhorias nos transportes¹⁸.

Neste período, não obstante o foco projetar-se já no Barreiro, as atas do conselho de administração da CUF mostram o mapa das deslocações de Alfredo da Silva em Portugal: Tomar, Santarém, Alferrarede e Porto são os destinos frequentes, pois por lá passam igualmente os interesses da Companhia.





- | | | |
|---|---------|---|
| a | 1 | Salle des machines |
| | 2 | Fusion et acidification |
| | 3 | Clonage des cannes ^{à sucre} |
| | 4 | Distillation (salle grande) |
| | 5 | (salle petite) |
| | 6 | Pressage, moulage et régulation |
| | 7 | Génération |
| b | 1 | Salle à machines utiles |
| | 2 | Opérations, forces et ébranlement |
| | 3 | Tenderie |
| | 4 | Magasin |
| | 5 | Magasins des ustensiles |
| | 6 | Fabrique de sucre |
| | 7 | Tenderie et ébranlement |
| c | 1 | Boîtes électriques et batteries |
| | 2 | |
| d | 1 | Magasins |
| | 2 | Clonage des cannes ^{à sucre} |
| | 3 | |
| e | 4 | Dépôt d'olives |
| | 5 | Magasin de sucre |
| | 6 | |
| f | 1, 2, 3 | Presses, laboratoires ou 2 ^{es} étages |
| | 4 | |
| g | 1 | Salle à chaux ou ciment ou |
| | 2 | |
| h | 1, 2 | Chimie ou bric-à-brac |
| | 3 | |

COMPANHIA UNIAO FÁBRICA
PELA CIGRENCIA

SECRETARIO

Manuel de Jesus

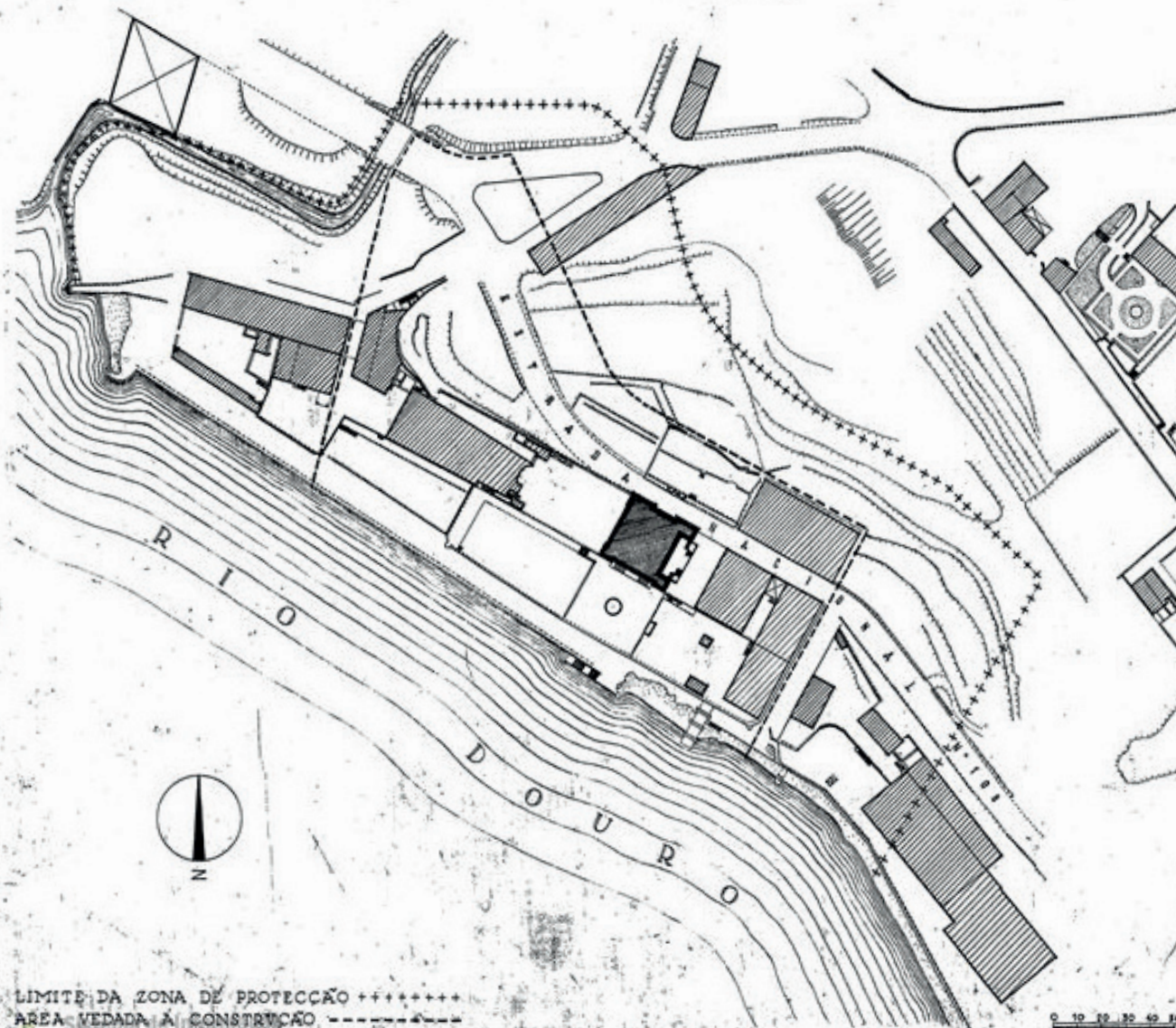
CAPÍTULO II

A PAR E PASSO: A QUINTA DO FREIXO, AS FÁBRICAS
E OS PROPRIETÁRIOS

À semelhança de Alcântara, a marginal do Freixo na freguesia da Campanhã, no Porto, era uma área industrial em franco desenvolvimento. No início dos anos 60 do século XIX, a linha de caminho de ferro vem apoiar o rio Douro, potenciando o transporte dos produtos e o desenvolvimento agrícola da zona¹⁹. Condições semelhantes às que já se verificavam na localização das fábricas União e Sol, e que mais tarde serão fundamentais para a escolha do espaço industrial do Barreiro.

As origens da Quinta vão até Jerónimo de Távora de Noronha e Leme Cernache (1690-1754), deão da Sé do Porto, que encomenda ao italiano Niccolau Nasoni (1691-1773) uma casa de campo, conhecida como Quinta do Freixo, em 1750. Nos cem anos seguintes a descendência vai delapidar os bens familiares e a Quinta acaba por ser comprada em 1850 por António Afonso Velado²⁰.

ZONA DE PROTECÇÃO DO PALÁCIO DO FREIXO ~ PORTO MONUMENTO NACIONAL



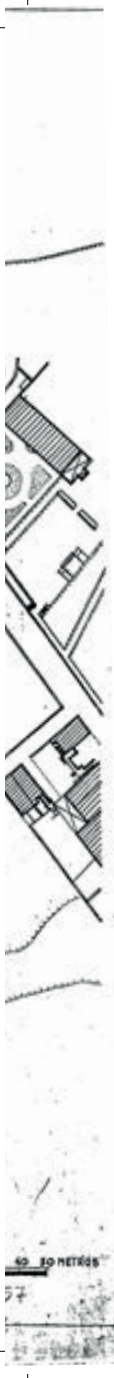
LIMITE DA ZONA DE PROTECÇÃO ++++++
 ÁREA VEDADA À CONSTRUÇÃO - - - - -
 para o Património Arquitectónico

0 10 20 30 40 M

FOLHA 157

2011

INstituto do Património Cultural



ANTÓNIO AFONSO VELADO, BARÃO E VISCONDE DO FREIXO

A fortuna feita no Brasil por António Afonso Velado, um comerciante do Porto, permite-lhe comprar a propriedade e investir na sua recuperação, face ao *deplorável estado de decadência* em que se encontrava, como afirma o *Arquivo Pitoresco* referindo-se ao local já recuperado nos seguintes termos: “O soberbo palácio da quinta do Freixo é uma residência digna de um príncipe” a que acrescenta, juntando-lhe uma imagem do palácio e jardins, mas também da fábrica e armazéns: “A esta esplendida residência anexou o novo proprietário um importante estabelecimento industrial, fundando na quinta, a alguma distância do palácio, para o lado da cidade do Porto, uma fábrica de sabão, que se acha muito bem organizada e acreditada pela excelente qualidade dos seus produtos”²¹.

O futuro visconde do Freixo “tinha apenas como capital humano a sua experiência de 14 anos de fabrico de sabão no Brasil [e a fábrica] começou a funcionar exatamente no dia em que foi decretada a extinção do monopólio (1 de julho de 1858)”²².

Já participa na Exposição Industrial do Porto de 1861 e Manuel Bernardes Branco no seu *Dicionário Geográfico Abreviado de Portugal e Suas Possessões Ultramarinas* refere-se aos sabões dizendo que existem fábricas em Lisboa e no Porto e acrescentando “A do Freixo, nas proximidades desta cidade, é a mais notável”²³.

O *Elucidário do viajante no Porto*, em 1864 refere-se-lhe como fabricando “sabão e sabonetes de uma perfeição admirável, cujo consumo, tanto dentro como fora do país, é abundante”²⁴, indicando que produzia não só para consumo interno, mas também para exportação.

Dois anos mais tarde, o barão regista a Companhia de Saboarias do Porto, uma sociedade em comandita com seu irmão Joaquim Afonso Velado, João Francisco de Morais e João Correia de Sousa Montenegro²⁵. O pedido de funcionamento da fábrica só se regista em 1871, e em nome de seu irmão²⁶.

DE GUSTAVO PETERS À CAF

Estando tão bem encaminhada, porém, a fábrica está omissa no Inquérito Industrial de 1881. Terá sido demolida para ser reconstruída noutra local, na sequência de ter sido “cortada pelo ramal do caminho de ferro à Alfândega”?²⁷. O testamento do visconde²⁸ esclarece que, por separação judicial, a proprietária da Quinta é a viscondessa, Laurinda Ribeiro Lousada, que vende o imóvel ao alemão Gustavo Nicolau Alexander Peters. Em 1873 já Peters ali tinha a funcionar um estabelecimento fabril de aguardente e cerveja²⁹.

Planta designando a tuta carmin e logar do
Mansel José dos Santos Pereira e Alexandre
montar uma fabrica de sabão e velas

Confrontaçõs

Noto. sub. nascitur. in Gustavo Peters.

Ponte com a margem do rio Douro.

Arizta do

Le G. Peter

Entrada pr.

Pr. ix.

Quinn & Peters

Scriptorū
ad inuicem

10

10

Margery

Febr 21 in Mexico 1888

Donated by Foster, H. C.

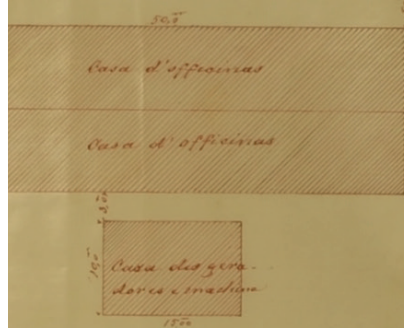


Escalla de 0^{va} 2 por metro

onde Manoel Monteiro, de Souza,
 e de Augusto Montealverne, desejam
 das de

da Freixa
 Peters

projectada



União da Freixa
 de A. Peters



do Rio Douro

Fosse devido a um incêndio de grandes proporções nesta destilaria³⁰ ou à perspectiva de lucros fáceis face à construção de novas vias e ligações, multiplicando as redes de distribuição junto a Campanhã, Peters foi motivado a lotear o terreno, vendendo parte à Monteiro, Santos & Companhia³¹, que em 1888 já construía edifícios e comprava equipamentos, para uma outra fábrica de sabão. Porém, logo em 1890 alguns dos membros da Monteiro, Santos & Companhia constituem a Companhia Fabril Douro (CFD), que adquire o equipamento fabril “com todas as caldeiras, máquinas, matérias primas e todos os pertences da mesma fábrica”³², e prossegue a construção de vários edifícios³³.

Na sequência de um empréstimo no valor de trinta contos de réis a CFD, representada pelos seus diretores, Manuel Monteiro de Sousa e Gaspar Lucas d’Almeida, vice-presidente da Junta de Freguesia de Paranhos, assina uma escritura de obrigação de dívida com o proprietário e capitalista Joaquim da Silva Bravo³⁴. Estipulava-se que em caso de não o conseguir pagar se

“obriga e sujeita todos os seus bens em geral mobiliários e imobiliários compreendendo as máquinas e utensílios respeitantes ao fabrico da Companhia, hipotecando em especial um prédio que se compõe de uma área de terreno com oito mil metros quadrados, e dentro uma fábrica composta de três grandes armazéns, uma casa térrea que serve de oficina de serralharia, dois grandes tanques para reservatório das águas, um outro tanque com água de bica, e mais pertenças, tudo sito no lugar do Freixo, freguesia de Campanhã, primeiro bairro d’esta cidade, formando uma área que confronta do nascente com a Fábrica de Moagem de José da Silva Monteiro, do poente com a Fábrica de Moagem da Companhia Harmonia, do norte com o caminho e do sul com o rio Douro, de natureza alodial e adquirida por compra feita à firma Monteiro, Santos e Companhia por escritura outorgada e assinada com data de seis de fevereiro de mil oitocentos e noventa”³⁵.

À falta de pagamento segue-se a penhora. Alfredo da Silva, administrador gerente da CAF, aproveita a oportunidade e adquire-a por trinta e cinco

contos e dez mil réis, afirmando que “aceitava a fábrica pelo preço oferecido”³⁶. Faz os necessários depósitos na delegação do Porto da Caixa Geral de Depósitos, e em julho de 1894 a CAF torna-se proprietária de

“um edifício no lugar do Freixo, freguesia da Campanhã, que se compõe d’uma casa sobrada, que serve de escritório e habitação, diversas edificações a nascente daquele formando quatro cumes aonde se acham instaladas as oficinas da fábrica, casa de serralharia, casa de máquinas, caldeiras e outros serviços, inerentes à laboração da fábrica e diversas porções de terreno”³⁷.

DA CUF À ATUALIDADE

Por escritura de 22 de abril de 1898 a CUF, representada por Feliciano Gabriel Freitas e Constant Burnay, inicia o processo de aquisição dos ativos e passivos da CAF³⁸.

A fábrica do Freixo encontrava-se hipotecada por cinco contos de réis a favor do Ministério das Obras Públicas, como caução ao exercício de uma patente da introdução de nova indústria³⁹. Na matriz predial, além de mencionar o terreno, faz referência a: 1) uma casa de loja e sótão que servia a fábrica de estearina, com dois andares e 12 divisões, com uma ampla área coberta que totalizava 7.200m² de área⁴⁰; 2) um barracão, na mesma rua; 3) e um terreno que fazia parte da quinta do Freixo, com o número de porta 213⁴¹. Não obstante as pequenas alterações promovidas pela CUF logo em 1898, nomeadamente a ponte⁴², as primeiras obras de relevo na fábrica datam de



Professores

Exmo. Sr. Administrador do Conselho de Condomar.

Nos termos do artigo 5.º do Decreto de 21 de outubro de 1865, vem a Companhia União Fabril, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, com sede em Lisboa, pedir a V. Exa. que se digne promover junto de S. Exa. o Sr. Governador Civil do Distrito do Porto, a autorização para o estabelecimento de uma Fabrica de Sabão, na freguesia de Valbom, nos terrenos e edificio onde já, em tempo, esteve installada a fabrica de velas e de sabões pertencente á extincta Companhia Fabril do Douro. Esses terrenos são hoje propriedade da Supplicante e confrontam: ao norte com a estrada publica; ao sul com o rio Douro; ao nascente com a fabrica de moagem "Concordia", e ao poente com a fabrica de moagem "Harmonia".

Este requerimento vai instruido com a planta em triplicado, da fabrica e do perimetro que tem de ser occupado pelo estabelecimento; e, bem assim, com uma exposição sobre o respectivo processo fabril.

O local do estabelecimento já está indicado; quanto á sua distancia da habitação mais proxima, não a podemos indicar visto não existirem habitações nas proximidades, mas apenas os estabelecimentos fabris já mencionados.

Espera a Supplicante que V. Exa. se digne promover o deferimento deste seu pedido, visto não

haver perigo algum para a saúde publica, nem inconveniente qualquer, com o estabelecimento de tal Fabrica, tanto mais que já no mesmo local existiu uma Fabrica de Sabão ^{e Vela} sem que a pratica tivêsse mostrado qualquer inconveniente.

Sauda e Fraternidade.

Lisboa 20 de fevereiro de 1911.

Prof. CARLOS DA SILVA
Administrador da

Professores
21 de Fevereiro de 1911
Professores

COMPANHIA UNIÃO

ESCALA DE 0,004 POR METRO

FABRICA NO FREIXO

NTE

ÃO FABRIL

OR METRO

A

DE

PETERS

PUBLICA



TANQUE

TANQUE

FABRICA

ROD

SEQUE

SERRA

EM

ADUAS

EXTRAORDINARIA

ORDINARIA

BAIA

MAR

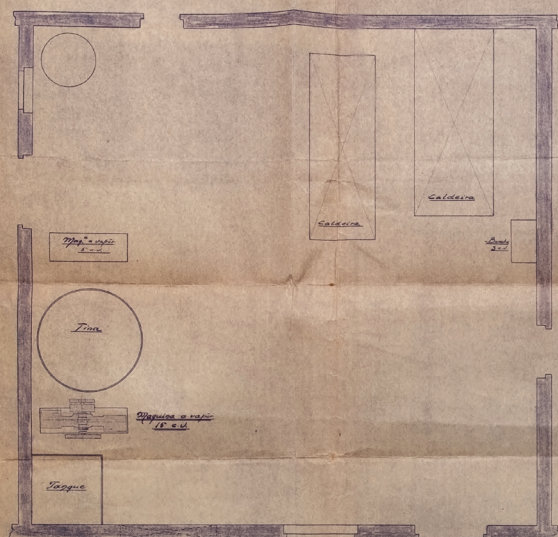




1910, com referência aos prejuízos causados no ano anterior pelas cheias no Porto⁴³. Nas atas do conselho de administração, entre abril e dezembro de 1911, intensificam-se as informações sobre o desenvolvimento do processo, marcado por atrasos por parte da Câmara do Porto. Com aprovação concedida a 7 de julho de 1911⁴⁴, a obra já tinha arrancado na primavera, com a presença de Alfredo da Silva, e começa a laborar em setembro⁴⁵.

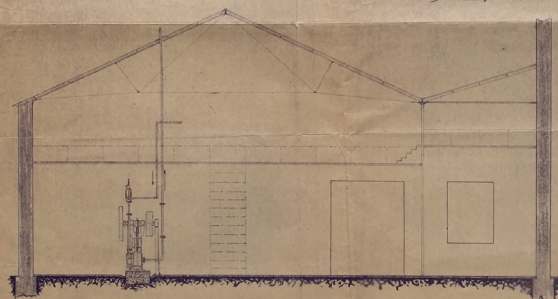
Ao contrário das fábricas ali estabelecidas anteriormente, cujos pedidos de funcionamento foram dirigidos à autarquia portuense, a CUF endereça a documentação à câmara de Gondomar, o que se explica pela localização da Quinta do Freixo, na fronteira entre Valbom e Campanhã, que sofreram alargamentos e incorporações ao longo do século⁴⁶.

Das obras de melhoria e aumento na fábrica do Freixo, que incluíram armazéns e depósitos, há registos entre 1912 e 1933⁴⁷. Em 1931, no terreno da fábrica de sabão ainda se tenta construir uma fábrica de capachos, provavelmente a que acabou por se edificar em Vila Nova de Gaia⁴⁸.



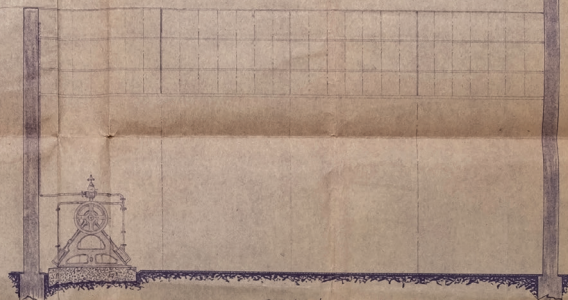
Planta

Escala 1/2



Corte transversal

Planta a que se refere o requerimento de
 Companhia União Fabril - Logar de Foz de
 Campesina
 Foz de

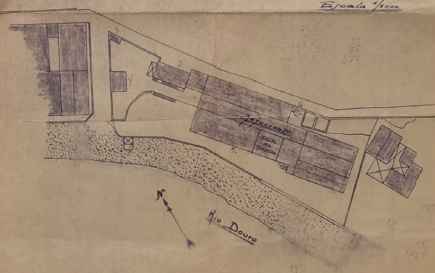


Corte longitudinal

Não houve do artigo 23 do Regulamento, aprovado
 pelo Decreto 14421, de 13-10-1927, autoriza a
 instalação do motor de vapor nº 182 de 15 C.V.
 nas condições indicadas.
 Foz, 15 de Fevereiro de 1929
 O Eng.º Carlos

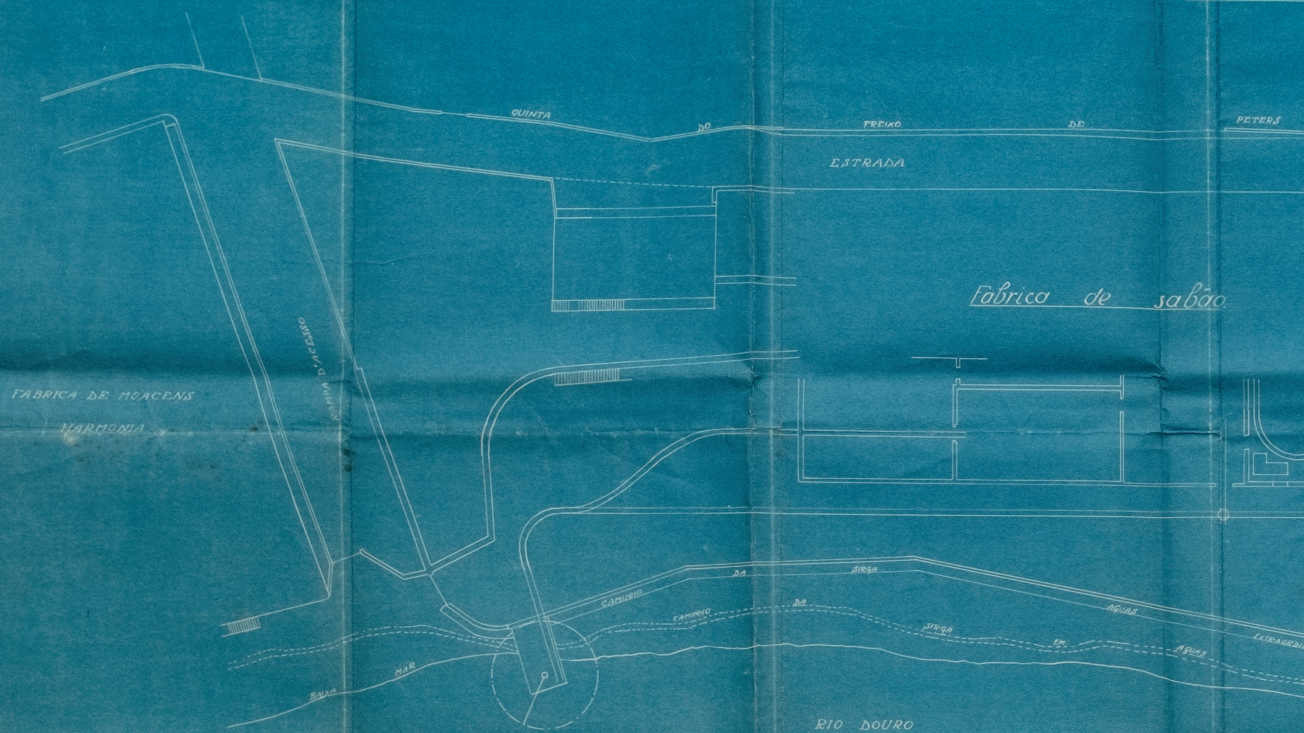
Assinatura
 Carlos

Planta transversal
 Escala 1/200



*Planta topografica dos terrenos da Companhia
Forte-Campañã, e planta da fabrica de
pretende n'elles*

Escala = 1:



ambia União fabril, sítos no freixo;
a de capachos, que a mesma
lles construir

1:250

PELA SECRETARIA DA COM. E. UNICO FIANCO (1910/11)
O UNICO FIANCO DA COM. E. UNICO FIANCO DE PORTO



A 1 de Agosto de 1967, a Companhia União Fabril e a FLORAL – Sociedade de Perfumarias e Produtos Químicos, Lda.⁴⁹ assinam um contrato de exploração do estabelecimento industrial do Freixo, com vigência de 20 anos⁵⁰. A CUF transfere para o Porto algum equipamento, nomeadamente “3 grupos de moinhos de rolos e uma extrusora, destinados ao fabrico de sabonetes e que atualmente possui instalados na sua Fábrica União em Lisboa”⁵¹, enquanto a FLORAL transferirá para o Freixo máquinas que tinha instaladas na fábrica na rua Nova de S. Crispim, 135-139.

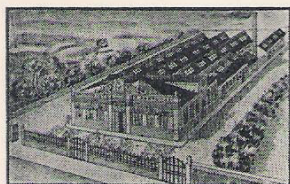
A renda mensal será de 13.000\$00, que passados sete anos diminuirá para 10.000\$00, e quaisquer obras de melhoramento do complexo industrial, carecem de autorização prévia da CUF.

A Floral compromete-se a produzir “sabonetes e sabões Offenbach e Amêndoa, dos tipos que a CUF se obriga a adquirir, por si ou por pessoa ou entidade por ela indicada (...) [que] não excederão 36.000 caixas por ano”⁵².

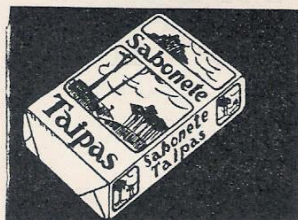


**SOCIEDADE
DE PERFUMARIAS E PRODUTOS QUÍMICOS
LIMITADA**

ADDRESS: RUA NOVA DE S. CRISPIM, 135 — PORTO - PORTUGAL



TOILET SOAPS — SHAVING CREAMS — PERFUMED TALCUM-POWDER — TOOTHPASTES — HAIR CREAMS — EAU DE COLOGNE — STICK DEODORANTS

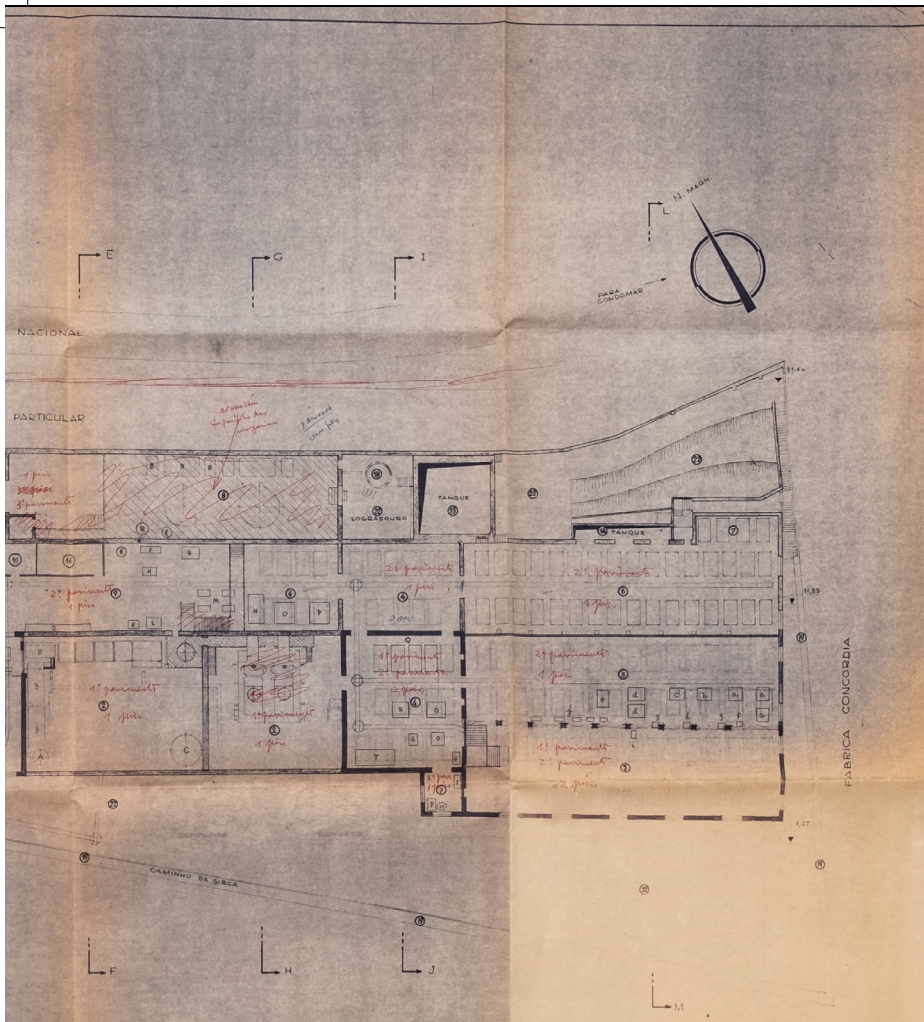


RECOGNISED AS THE BEST FOR
THE SKIN

SAVONETTES — CRÈMES À RASER — TALC
PARFUMÉ — PÂTE DENTIFRICE — CRÈMES
CAPILLAIRE — EAUX
DE COLOGNE — STICKS
DÉSODORISANTS



«A «DOUBLE EFFECT» SHAVING CREAM:
REVITALISES AND SOFTENS»



RIO DOURO

DESIGNAÇÃO	Nº DE
MALHEIRO - LAVAROS - VESTIÁRIO	1
COLUNA E DETRITÓRIO	2
ARMATIZ	3
ARMATIZADO	4
M.C. - URINOS	5
TANQUE GRANDE	6
TANQUE DA MINA	7
ARMATIZ	8
LABORATÓRIO	9
EDIFÍCIO DOS SERVIÇOS DE VIGILÂNCIA	10

DESIGNAÇÃO	Nº DE
CHUMBRE	11
MURIS	12
W.C. - LAVAROS	13
M.C. - URINOS - LAVAROS	14
RUAS DA FABRICA - (TERRENO LIVRE)	15

DESIGNAÇÃO	Nº DE
2. PISTURADORA DE	16
2. ESTRELA DE SERRA	17
2. MÁQUINA DE FERRA	18
2. MÁQUINA DE ENTRE	19
2. MÁQUINA DE ENTRE	20
2. MÁQUINA DE ENTRE	21
2. MÁQUINA DE ENTRE	22
2. MÁQUINA DE ENTRE	23
2. MÁQUINA DE ENTRE	24
2. MÁQUINA DE ENTRE	25
2. MÁQUINA DE ENTRE	26
2. MÁQUINA DE ENTRE	27
2. MÁQUINA DE ENTRE	28
2. MÁQUINA DE ENTRE	29
2. MÁQUINA DE ENTRE	30
2. MÁQUINA DE ENTRE	31
2. MÁQUINA DE ENTRE	32
2. MÁQUINA DE ENTRE	33
2. MÁQUINA DE ENTRE	34
2. MÁQUINA DE ENTRE	35
2. MÁQUINA DE ENTRE	36
2. MÁQUINA DE ENTRE	37
2. MÁQUINA DE ENTRE	38
2. MÁQUINA DE ENTRE	39
2. MÁQUINA DE ENTRE	40
2. MÁQUINA DE ENTRE	41
2. MÁQUINA DE ENTRE	42
2. MÁQUINA DE ENTRE	43
2. MÁQUINA DE ENTRE	44
2. MÁQUINA DE ENTRE	45
2. MÁQUINA DE ENTRE	46
2. MÁQUINA DE ENTRE	47
2. MÁQUINA DE ENTRE	48
2. MÁQUINA DE ENTRE	49
2. MÁQUINA DE ENTRE	50
2. MÁQUINA DE ENTRE	51
2. MÁQUINA DE ENTRE	52
2. MÁQUINA DE ENTRE	53
2. MÁQUINA DE ENTRE	54
2. MÁQUINA DE ENTRE	55
2. MÁQUINA DE ENTRE	56
2. MÁQUINA DE ENTRE	57
2. MÁQUINA DE ENTRE	58
2. MÁQUINA DE ENTRE	59
2. MÁQUINA DE ENTRE	60
2. MÁQUINA DE ENTRE	61
2. MÁQUINA DE ENTRE	62
2. MÁQUINA DE ENTRE	63
2. MÁQUINA DE ENTRE	64
2. MÁQUINA DE ENTRE	65
2. MÁQUINA DE ENTRE	66
2. MÁQUINA DE ENTRE	67
2. MÁQUINA DE ENTRE	68
2. MÁQUINA DE ENTRE	69
2. MÁQUINA DE ENTRE	70
2. MÁQUINA DE ENTRE	71
2. MÁQUINA DE ENTRE	72
2. MÁQUINA DE ENTRE	73
2. MÁQUINA DE ENTRE	74
2. MÁQUINA DE ENTRE	75
2. MÁQUINA DE ENTRE	76
2. MÁQUINA DE ENTRE	77
2. MÁQUINA DE ENTRE	78
2. MÁQUINA DE ENTRE	79
2. MÁQUINA DE ENTRE	80
2. MÁQUINA DE ENTRE	81
2. MÁQUINA DE ENTRE	82
2. MÁQUINA DE ENTRE	83
2. MÁQUINA DE ENTRE	84
2. MÁQUINA DE ENTRE	85
2. MÁQUINA DE ENTRE	86
2. MÁQUINA DE ENTRE	87
2. MÁQUINA DE ENTRE	88
2. MÁQUINA DE ENTRE	89
2. MÁQUINA DE ENTRE	90
2. MÁQUINA DE ENTRE	91
2. MÁQUINA DE ENTRE	92
2. MÁQUINA DE ENTRE	93
2. MÁQUINA DE ENTRE	94
2. MÁQUINA DE ENTRE	95
2. MÁQUINA DE ENTRE	96
2. MÁQUINA DE ENTRE	97
2. MÁQUINA DE ENTRE	98
2. MÁQUINA DE ENTRE	99
2. MÁQUINA DE ENTRE	100

TRILHO - PORTO

PLANTA DAS INSTALAÇÕES

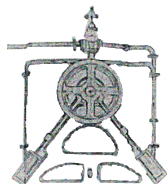
FLORAL

PROJETO DE

11.01

Em 1989 a Floral adquire a fábrica por cinquenta e cinco milhões de escudos, como indica a documentação assinada pelos engenheiros José da Trindade Alcarve Calado, representante da Quimigal, e Carlos José Ferreira e Mário Manuel Peixoto, da Floral⁵³.

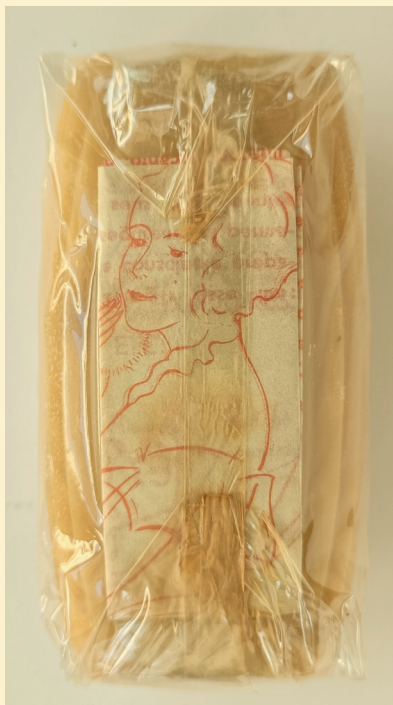
Fruto do loteamento iniciado por Gustavo Peters, as diferentes partes da Quinta e dos seus jardins foram sendo adquiridas por estruturas públicas que, em parceria com entidades privadas lhes proporcionaram novas funcionalidades adaptadas à atualidade.

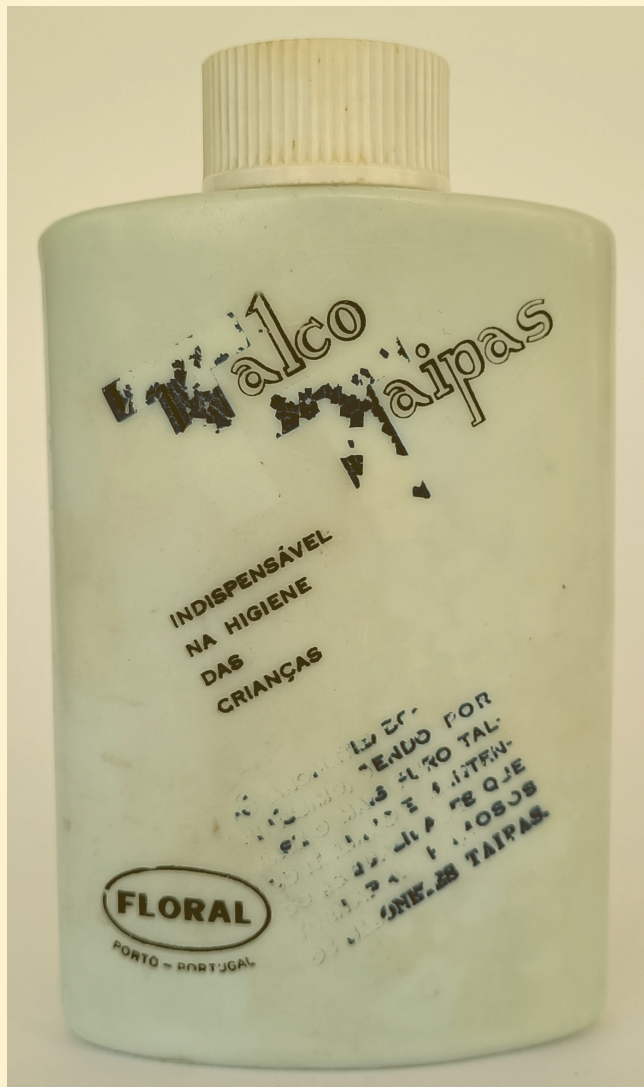












CAPÍTULO III

OS SABÕES NO GRANDE PORTO

O Inquérito Industrial de 1881⁵⁴ incluiu visitas às fábricas para que servissem de contraprova aos resultados obtidos nos questionários enviados previamente aos estabelecimentos fabris. Ainda assim, o levantamento feito ficou muito longe da realidade.

Isabel Cruz⁵⁵ fez um elenco com 65 fábricas de sabão no país, entre 1858 e 1889, apoiada nos Inquéritos Industriais de 1881 e 1890, para além de várias outras fontes, desde o *Almanaque Comercial de Lisboa*, a *Gazeta das Fábricas*, a informações estatísticas passando pelas participações em exposições nacionais e internacionais, entre outras.

No período em questão, só no Grande Porto, encontram-se mais 40. E tendo em conta que entre os anos 60 do século XIX e os anos 20 do século XX se registou uma forte atividade fabril na área dos sabões, entre estas datas há notícia de 84 proprietários de fábricas de sabão no Grande Porto, com elevada

concentração em Campanhã, que regista quase 20% dos estabelecimentos. Os da rua do Freixo somam mais de 10% do total:

António Afonso Velado (1859), Joaquim Afonso Velado (1871), Constantino Pacheco Pinto Ribeiro (1884), António Ribeiro Borges da Cunha (1888), Manuel Monteiro de Sousa (1888), Companhia Fabril Douro (1890), Amorim, Martins e Tourão (1900), Raquel Maria Martins (1908), CUF (1911)⁵⁶ e Guedes e Bastos (1913).

Com igual número surge Mafamude, em Vila Nova de Gaia, fazendo deste local e do Freixo as áreas de maior concentração de saboarias no Grande Porto.

Ao contrário do Porto onde “Na saboaria o pessoal é todo masculino”⁵⁷ em Lisboa só a CUF emprega 133 operários, dos quais 29 eram mulheres⁵⁸. Este aspeto ganha ainda mais interesse, pois é precisamente no Porto que se encontra a única saboaria cujo proprietário é uma mulher: Raquel Maria Martins tem uma fábrica na rua do Freixo, nº 1303⁵⁹.

Terão os Maria Martins sido uma família de saboeiros? A coincidência dos apelidos leva-nos a considerar esta hipótese.

A mais antiga saboaria do Minho foi fundada em Braga em 1867 por Manuel José Gomes da Rocha que a vendeu em 1870 a um funcionário, Joaquim Maria Martins, como o próprio afirma em entrevista ao jornalista Manuel Araújo⁶⁰.

Os proprietários de saboarias com igual apelido na zona do Porto começam com Vítor Maria Martins, que em 1881 está na rua do Bonjardim, e em 1883, na travessa do Bolhão, ambas em Santo Ildefonso; Amadeo Maria Martins, que em 1908 está estabelecido na rua Lopo Vaz, Mafamude, Vila Nova de Gaia, e Raquel, que no mesmo ano está no Freixo.

O Inquérito Industrial do Porto afirma também que “o sabão é todo em barra: não se fazem sabonetes nem espécies finas”⁶¹ o que é contrariado pela indicação de produção de alguns fabricantes, como Castro Silva & Filhos ou Agostinho Moreira dos Santos, fabricantes de sabonetes.

A menção às matérias primas utilizadas contém, em simultâneo, a indicação da origem, permitindo observar como esta indústria dependia de importações: sebo limpo ou fundido, nacional e importado, resina de pinheiro, americana e carbonato de soda inglês; o azeite de oliveira e a madeira de pinho para as caixas eram de origem nacional, e a soda cáustica e óleo de palma e outros, não têm indicação de origem.

Por outro lado, vários são os proprietários que mudam a localização das suas fábricas ou que mantêm mais que uma a funcionar, nem sempre temos elementos para os distinguir. Porém, repetem-se os seguintes nomes:

Serafim Pinto Resende está na freguesia da Sé, em 1866 na rua da Ponte Nova e no ano seguinte na rua da Banharia,

José Júlio Bouças em 1869 está na rua do Bonjardim e em 1873 no largo de Fradelos, ambos em Santo Ildefonso.

Vítor Maria Martins em 1881 está na rua do Bonjardim, e em 1883, na travessa do Bolhão, também em Santo Ildefonso.

José Bento do Lago Rodrigues estabeleceu-se em Paranhos, primeiro na rua do Matadouro em 1871, e vinte anos depois na rua de São Dinis.

António Joaquim Monteiro, em 1889 tem uma saboaria em parceria com António da Fonseca Monteiro, na rua da Boavista, e no ano seguinte, sozinho, outra em Ramalde de Baixo, ambas em Matosinhos

Joaquim de Abreu Guerra, em 1889 tem fábrica na rua Amial e em 1891, em associação com Manuel Joaquim da Costa Leite, no Lugar do Regado, ambas em Paranhos.

Estas mudanças de localização associam-se a diferenças de fabrico e produção, pois mencionam que as mais recentes são fábricas a vapor ou que produzem também sabonetes, quando antes só produziam sabão, o que evi-

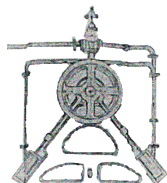
dencia um progresso técnico e tecnológico, bem como uma finura de conceção, para potenciais novos e diferentes clientes.

Há ainda situações em que a mesma fábrica pertence a diferentes pessoas, ao longo do tempo, como é o caso da fábrica na Quinta do Freixo, que pertence aos irmãos Afonso Velado, um deles visconde do Freixo, em 1888 é propriedade da Monteiro, Santos & Companhia, cujo gerente é Manuel Monteiro de Sousa, que se mantém na Companhia Fabril Douro, a posterior proprietária da fábrica. A arrematação em praça pública por parte da CAF, em 1894, e a sequente integração na CUF, em 1898, já foram mencionadas anteriormente.

Tendo em conta que a Floral mantém a produção de sabão no local até aos anos 80, embora com alguns intervalos este estabelecimento fabril esteve em atividade mais de 130 anos.

O levantamento que se apresenta contempla o Grande Porto e é provável que careça ainda de atualização. Contém 84 entradas, no período de 1858

a 1922. Os asteriscos nos nomes dos proprietários assinalam fábricas que não estão no Inquérito Industrial de 1881 nem nos arquivos consultados, mas foram elencadas por Isabel Cruz⁶², e constituem um contributo para a história do sabão em Portugal.



Ano	Concelho	Freguesia	Morada	Proprietário
1859	Porto	Massarelos	Rua da Piedade, nº 150	Agostinho Moreira dos Santos*
1859	Porto	Campanhã	Quinta do Freixo	António Afonso Velado, barão do Freixo
1862	Porto			Castro Silva & Filhos*
1865	Porto			António Miguel d'Aguiar Álvaro*
1865	Amarante			Bessa, Corrêa & C ^a *
1865-66	porto	Campanhã		Eduardo António de Almeida* Fábrica de sabão da Boavista
1866	Porto	Bonfim	Rua de Santo Ildefonso, nº 429 a 433	Francisco Sousa Júlio
1866	Póvoa de Varzim	Póvoa de Varzim	Praça do Almada	Francisco Fernandes de Castro
1866	Matosinhos	Matosinhos	Rua de Santo Amaro	António dos Santos Lesça
1866	Porto	Sé	Rua da Ponte Nova, nº 43	Serafim Pinto Resende
1867	Porto	Sé	Rua da Banharia	Serafim Pinto Resende - “Saboaria Central”
1867	Porto	Campanhã	Lugar de Rego Lameiro	Juan Gimenez Cabrera
1868	Porto	Santo Ildefonso	Rua do Bonjardim, nº 590	Francisco da Hora

1868-1869	Vila Nova de Gaia	Mafamude	Rua do Padrão	Joaquim Ferreira
1869	Porto	Santo Ildefonso	Rua do Bonjardim, nº 236 a 240B	José Júlio Bouças
1869	Vila Nova de Gaia	Vila Nova de Gaia	Lugar do Estilheiro	António Pereira Santo Amaro
1870	Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Rua de Santa Marinha, nº 14 a 20	Bernardo José Gonçalves
1870	Vila Nova de Gaia	Mafamude	Lugar da Bandeira, nº 199	João Lopes Pereira
1870	Vila Nova de Gaia	Mafamude	Lugar da Bandeira, nº 173 a 175	António Francisco Canedo e Teixeira
1870	Vila Nova de Gaia	Mafamude	Lugar da Bandeira, nº 8 a 10	Eduardo Maia Correia de Sá Lobo
1870	Porto	Santo Ildefonso	Lugar de Fradelos	Roque José Martins e C ^a
1870	Porto	Cedofeita	Rua de São Brás, nº 42	João Manuel Gomes
1871	Penafiel	Penafiel	Rua do Arrabalde, nº 6 a 7	Manuel Vieira Cobas
1871	Porto	Cedofeita	Rua dos Bragas	António Mouzinho de Sousa
1871	Porto	Santo Ildefonso	Rua Formosa, nº 98 a 106	Vieira e Irmãos
1871	Porto	Paranhos	Rua Costa Cabral, nº 56	Joaquim José Vilela
1871	Porto	Cedofeita	Rua da Rainha, nº 362	José Augusto Mendes Pereira
1871	Porto	Campanhã	Rua de São Roque da Lameira	António da Costa Barreiro
1871	Porto	Paranhos	Rua do Matadouro, nº 58	José Bento do Lago Rodrigues

1871	Porto	Campanhã	Rua do Freixo	Joaquim Afonso Velado
1871	Porto	Sé	Rua da Biquinha	Manuel Borges Landim
1872	Porto	Campanhã	Rua do Fojó de Cima, nº 46	António Zacarias da Silva Coelho
1873	Porto	Santo Ildefonso	Largo de Fradelos, nº 15,	José Júlio Bouças
1873	Porto	Santo Ildefonso	Rua do Bonjardim, n.º 560,	José Bento Domingues
1873	Porto	Bonfim	Estrada Marginal do rio Douro	José Inácio Ferreira Roriz
1873	Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Rua da Fervença, nº 40	Athanázio Losa,
1874	Porto	Cedofeita	Rua Nova do Carvalhido,	Machado e C ^a
1875	Vila Nova de Gaia	Mafamude	Lugar de Santo Ovídio	Agostinho José Vieira
1876	Porto	Bonfim	Rua Wellesley, nº 9,	José Artur da Cunha Seixas
1879	Vila Nova de Gaia	Mafamude	Rua do Padrão	Francisco Soares Pinto
1881	Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Vale de Amores	Silva & Irmão & C ^a
1881	Vila Nova de Gaia	Mafamude	Lugar do Padrão	Joaquim Ferreira Campos
1881	Porto	Campanhã	Rego-Lameiro	Martins & Alexandrino
1881	Porto	Santo Ildefonso	Rua do Bonjardim, nº 582	Vítor Maria Martins
1882	Porto	Lordelo do Ouro	Beco do Aleixo	Domingos Alexandrino Ferreira da Silva

1883	Porto	Santo Ildefonso	Travessa do Bolhão, nº 59 a 71	Vítor Maria Martins
1884	Porto	Campanhã	Rua do Freixo, nº 732 a 734A,	Constantino Pacheco Pinto Ribeiro
1885	Vila Nova de Gaia		Padrão	Justiniano de Assis Ferreira*
1887	Porto	Cedofeita	Rua Nova do Matadouro	Inácio Martins São Martinho
1887	Porto	Campanhã	Rua de São Roque da Lameira, nº 1086	José Arsénio Freire
1888	Porto	Campanhã	Rua do Freixo, nº 838,	António Ribeiro Borges da Cunha
1888	Vila Nova de Gaia			Joaquim Ferreira Campos & Cortez*
1888	Porto	Paranhos	Travessa das Antas	Manuel Ferreira de Esmoriz e Joaquim Rodrigues de Madeira
1888	Porto	Campanhã	Quinta do Freixo	Manuel Monteiro de Sousa
1889	Porto	Paranhos	Rua do Amial, nº 14	Joaquim de Abreu Guerra
1889	Matosinhos	Ramalde	Rua da Boavista	António da Fonseca Monteiro e António Joaquim Monteiro
1890	Porto	Campanhã	Quinta do Freixo	Companhia Fabril Douro
1890	Porto		Travessa do Aleixo	Alexandre & C ^ª *
1890	Matosinhos	Ramalde	Lugar de Ramalde de Baixo	António Joaquim Monteiro

1891	Porto	Paranhos	Lugar do Regado	Manuel Joaquim da Costa Leite e Joaquim de Abreu Guerra
1891	Porto	Paranhos	Rua de São Dinis, nº 531	José Bento do Lago Rodrigues de Freitas
1891	Porto	Cedofeita	Rua de Serpa Pinto	Ferdinand Claus e Georges Schweder
1891	Vila Nova de Gaia	Mafamude	Lugar da Rosa	Camilo José de Macedo
1892	Vila Nova de Gaia	Oliveira do Douro	Lugar da Deveza	António Tomás Cardoso
1892	Porto	Foz do Douro	Quinta da Boavista	Bernardinho Carlos de Azevedo Varela
1894	Matosinhos	Ramalde	Lugar das Andrezas	Max Nagel
1895	Porto	Massarelos	Rua do Bicalho, nº 100	João Serafim de Barros e C ^a
1900	Porto	Campanhã	Rua do Freixo, nº 850	Amorim, Martins e Tourão
1901	Porto	Campanhã	Rua Nova da Estação, nº 226	Magalhães e Barbosa
1902	Porto	Massarelos	Rua Entre-Quintas, nº 22 a 24	Alexandrino e Guimarães
1905	Porto	Ramalde	Rua do Pinheiro Manso, n.º 306	Carlos Enes
1908	Porto	Campanhã	Rua do Freixo, nº 1303	Raquel Maria Martins
1908	Vila Nova de Gaia	Santa Marinha	Rua General Torres, n.º 356	Francisco Gonçalves Cortes
1908	Vila Nova de Gaia	Mafamude	Rua Lopo Vaz, nº 258	Amadeo Maria Martins e Armando Cardoso Lopes

1911	Gondomar	Valbom	Lugar da Ribeira do Abade	Companhia União Fabril de Lisboa
1912	Matosinhos	Matosinhos	Lugar da Azenha de Cima	João Alves Fraga Lamares
1913	Vila Nova de Gaia	Vilar do Paraíso	Lugar do Outeiro	Joaquim Martins de Almeida
1913	Porto	Campanhã	Rua do Freixo, nº 905	Guedes e Bastos
1914	Gondomar	Rio Tinto	Lugar da Ferraria	Albino de Sousa Santos
1915	Porto	Bonfim	Rua Barros de Lima, nº 827	Patrício Pinto Correia
1918	Porto			Ach. Brito & Companhia
1921	Porto	Cedofeita	Rua de Serpa Pinto, n.º 62	Manuel Barreto Costa
1922	Porto	Foz do Douro	Rua do Gama, nº 227 a 235	Manuel José Ferreira Marques e Filhos
1922	Porto	Ramalde	Rua Central de Francos, nº 106	Augusto Rodrigues

CAPÍTULO IV

DE FÁBRICA A HOTEL: *NOVOS TERRITÓRIOS DO PATRIMÓNIO*

A preservação do património é um ato de valorização da nossa identidade.

A herança que recebemos é também um legado de futuro, que fala por nós e pelo nosso tempo, de acordo com a forma como o conservámos e adaptámos, como o valorizámos. No fundo, o que legamos é uma representação da sociedade que fomos, é a forma de nos perpetuarmos na memória coletiva, e “o valor afetivo da memória parece ser o que consolida as marcas do passado com maior significado”⁶³.

Para as novas conceções de património, seja no que concerne ao seu “valor (histórico, estético, de uso, económico, identitário, alicerce de memória, etc.) como à sua utilidade e aproveitamento”⁶⁴, muito contribuiu um movimento de décadas, reforçado no pós segunda guerra mundial, cuja intenção de preservar e salvaguardar se tem expresso num *corpus* de diretrizes internacionais que vale a pena elencar⁶⁵:

1931 - Carta de Atenas

1954 - Convenção de Haia “Proteção dos Bens Culturais em Caso de Conflito Armado “

1964 -Carta de Veneza “Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios”

1970 - Convenção relativa às Medidas a Adotar para Proibir e Impedir a Importação, a Exportação e a Transferência Ilícitas da Propriedade de Bens Culturais.

1972 - Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural

1975 - Carta Europeia do Património Arquitetónico

1976 - Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua Função na Vida Contemporânea

1981 - Carta de Florença “Salvaguarda de Jardins Históricos “

1985 - Convenção de Granada “Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa”

1987 - Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas

1990 - Carta Internacional sobre a Proteção e a Gestão do Património Arqueológico

1991 - Recomendação nº R (91) 13 “Proteção do Património Arquitetónico do Século XX”

1992 - Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico (revisita)

1994 - Carta de Villa Vigoni “Proteção dos Bens Culturais da Igreja”

1994 - Carta de Burra “Para a conservação dos sítios com significado cultural”

1995 - Carta de Lisboa “Reabilitação Urbana Integrada”

1997 - Convenção de Malta “Proteção do Património Arqueológico”

1999 - Carta Internacional sobre o Turismo Cultural

1999 - Carta sobre o Património Construído Vernáculo

2000 - Carta de Cracóvia sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído

2001 - Convenção para a Proteção do Património Cultural Subaquático
2002 - Declaração de Budapeste sobre o Património Mundial
2003 - Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial
2003 - Carta de Nizhny Tagil Sobre o Património Industrial
2004 - Declaração de Yamato sobre a Abordagem Integrada para a Salvaguarda do Património Cultural, Material e Imaterial
2005 - Convenção de Faro “Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade”
2009 - Carta de Bruxelas “O papel do património cultural na economia, e a criação de uma rede europeia de reconhecimento e difusão”.
2009 - Declaração de Viena “Um incentivo ao património em período de recessão económica”
2010 - Orientações Técnicas para Aplicação ao Património Mundial
2011 - Princípios de La Valeta “Salvaguarda e gestão das populações e áreas urbanas históricas”
2011 - Princípios de Dublin “Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens de Património Industrial”
2012 - Republicação com a tradução para português da Convenção para a Proteção do Património Cultural Subaquático
2015 - Recomendação “Proteção e promoção dos museus e coleções”
2015 - Declaração de Namur “O Património Cultural no século XXI; uma estratégia comum para a Europa”
2017 - Declaração de Cracóvia “Proteção do Património Cultural”
2017 - Declaração de Tunes
2018 - Declaração de Davos “Rumo a uma *Baukultur* de alta qualidade para a Europa”
2021 - Carta de Porto Santo “A cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia”.

Sendo a Carta de Nizhny Tagil precisamente sobre património industrial, re-produz-se a sua definição:

“O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico (...) englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação”⁶⁶.

Os Princípios de Dublin vêm acrescentar que “O património industrial revela uma conexão profunda entre o meio cultural e natural envolvente”⁶⁷ e incluem os processos de produção industrial ou de transformação de matérias-primas. São os novos territórios do património, que intitolam este apontamento, com a devida vénia a José Amado Mendes⁶⁸, e que devem estar expressos em legislação e instrumentos de gestão, ao serviço de políticas de resgate patrimonial.

Sabendo que o interesse cultural relevante deve demonstrar valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade⁶⁹, “A reutilização como fenómeno de salvaguarda consiste, no entanto, num difícil desafio. Afastando-se da sua função inicial, estes espaços ao serem adaptados a novas funções e perpetuarem, em simultâneo, a «aura» que lhes confere o direito de passaporte para o futuro, têm de ser considerados como «monumentos» portadores de referenciais significantes. A sensibilidade terá de estar aliada ao conhecimento e inscrita em procedimentos patrimoniais e urbanísticos”⁷⁰.

Quando a conservação patrimonial integrada é um instrumento de gestão e reabilitação urbana, e territorial, inserida nos quotidianos dos cidadãos e dos visitantes, cumpre-se o espírito das Cartas e Convenções e faz-se conviver o passado com o presente, valorizando-o para o futuro.

A SABOARIA CUF NO PESTANA DOURO RIVERSIDE

A preservação do património industrial desempenha, pois, um papel crucial no desenvolvimento económico e turístico de qualquer região. A reabilitação de antigas fábricas atrai investimentos e estimula a economia local com o espaço transformado a adaptar-se a nova função, tal como acontece no caso da Quinta do Freixo. Ao longo de dois séculos e meio serviu várias funções, em edificado de palácio, fábricas e jardins. Entre as antigas moagens Concórdia, em cujo local está um edifício de habitação, e Harmonia, atualmente o hotel Pestana Palácio do Freixo, situava-se a saboaria CUF, agora convertida no hotel Pestana Douro Riverside.

Os dois projetos turísticos Pestana contaram com a experiência em reabilitação do atelier David Sinclair Arquitetos Associados, com uma solução gizada para a chaminé de tijolo que a faz participar integradamente na vida de todos os pisos, dando-lhe visibilidade e valorizando o seu percurso histórico.

A chaminé de 35 metros data de 1888 e foi concebida por Lino Soares Guedes⁷¹. Este conceituado mestre portuense na execução deste desafiante

equipamento, assinava os seus trabalhos com uma placa cerâmica onde se lê o seu nome e a data de construção, no caso **1888 Lino fez**, à imagem, entre muitas outras, da vizinha fábrica de moagens Harmonia, cuja chaminé foi erigida em 1891.

Há vários outros elementos a ter em conta, desde a materialidade das escadas e varandas interiores, cujo metal nos devolve o ambiente fabril; a nomenclatura do restaurante - Aroma - e a relação da decoração do hotel com a botânica, que nos remetem para as fragâncias dos sabonetes ali produzidos outrora, mas também para os jardins e “o arvoredado que se lhe ergue nas costas, como em trono”⁷²; a piscina infinita que nos conduz ao “Douro, que vem banhar-lhe os muros dos jardins, e que descrevendo em frente deles uma larga volta, aí se ostenta como um amplo lago”⁷³.

O atual edificado mantém sinais da essência industrial e fabril indexada aos edifícios, mas também ao espírito de antanho do próprio local.













CONCLUSÃO

A história repete-se e o sucesso reproduz-se na mão de Alfredo da Silva, firmado em conhecimento, inovação e numa visão única, que o distinguiu dos demais empreendedores, negociantes ou industriais, “sempre na crista da onda do que de melhor se fazia, na Europa e no mundo”, nas palavras de Marcelo Rebelo de Sousa⁷⁴.

As semelhanças entre Alcântara e o Freixo são assinaláveis⁷⁵, desde a localização das fábricas, a proximidade ao rio e aos caminhos de ferro, a estrutura fabril, a mão de obra, a transferência e aplicação de *know-how*, a marca, o nome de confiança. Até a coincidência dos incêndios que precipitaram os acontecimentos, ou a presença da pequena aristocracia nos primórdios dos empreendimentos, embora se registre de forma diversa: se em Lisboa o visconde da Junqueira fora um fidalgo que se notabilizou como negociante, no Freixo foi o negociante António Afonso Velado que enobreceu, tornando-se barão e visconde do Freixo, respetivamente em 1865 e 1872⁷⁶.

A importância desta produção está patente na pressão concorrencial, essencialmente a norte do país, que levou à criação do Agrupamento de Fabricantes de Sabão, constituído no início dos anos 30, com a seguinte estrutura⁷⁷:

Empresa	Cargo no agrupamento	Representante(s)
Companhia União Fabril	Presidente	Alfredo da Silva
		Nicolas Goyri O'Neill ⁷⁸
Macedo & Coelho	Vice-presidente	Silva & Simões
Sociedade Nacional de Sabões	1º secretário	Vasco Ribeiro
		António Marques de Sousa Jr.
A. L. Martha Sucrs. (ALMS)	2º secretário	Augusto Martha
Saboaria do Rêgo Lameiro (SRL)	-	José Cardoso Sampaio Lima

O contexto originou descontentamento geral expresso em discussão na comunicação social, desagrado manifestado também da parte da CUF, que em 1938 emite uma circular, onde se sente o temperamento de Alfredo da Silva:

“E... convençam-se todos que esta Companhia mantém a sua orientação de há muito de não consentir aos outros fabricantes que lhe reduzam a sua posição industrial. Levarão tempo a convencerem-se... é possível; custará a todos grandes prejuízos, é inevitável, mas é assim, tem de ser assim, e assim será!”⁷⁹.

Porém, a preponderância no domínio dos sabões, assim como de outros produtos, como as velas, glicerina ou óleos, levou a *nova CUF* a substituir “na prática o anterior quase-monopólio existente neste setor de produção industrial”⁸⁰.

Na atual malha urbana de Alcântara identificam-se ainda os edifícios das fábricas. Apesar do da fábrica Sol se encontrar devoluto, a zona industrial onde estava sediada a fábrica União, foi requalificada e transformada num condomínio habitacional pelo arquiteto Frederico Valsassina. A preservação de alguns elementos industriais, marcas do património da CUF, nomeadamente a chaminé em tijolo burro, conserva a memória de uma época que marcou o local e a história da cidade.

Também a memória da história da fábrica Freixo persiste na atual unidade hoteleira da cadeia Pestana. Preservaram-se elementos arquitetónicos que se mantêm integrados na estrutura hoteleira, numa campanha de recuperação no palácio assinada pelos arquitetos Fernando Távora e José Bernardo Távora, que assim criam uma outra ponte entre o passado e o futuro lembrando-nos o antepassado que mandou contruir o local como “«villa» de repouso e prestígio”⁸¹.

Atualmente, na antiga localização da fábrica de sabão da CUF no Freixo está recém-instalado o Hotel Pestana Douro Riverside, mantendo algumas estruturas arquitetónicas do complexo fabril, num processo de (re)conversão do património industrial. Esta ação está em consonância com a crescente importância do aproveitamento de estruturas industriais para novas distintas funções, integrando o passado no presente, com justa valorização dos princípios culturais e históricos, preservando os marcos da história do local.



NOTAS

1 Ricardo de Almeida Jorge foi um médico, investigador e higienista português, que contribuiu ativamente para a aplicação de técnicas e conceitos de saúde pública no país, cujo relatório sobre o ensino médico em Portugal, foi a base para a realização do Regulamento Geral de Saúde em 1901, cf. Ricardo Jorge: o destacado médico que dá o nome a este Instituto (2015).

2 Cf. *Regulamento geral dos serviços de saúde e beneficências pública* (1901).

3 CASTRO, 1963: 403.

4 CABEÇAS, 2021: 105 a 108.

5 SANTANA, *et al.*, 1994: 32 *Apud* RODRIGUES, 2017: 85.

6 SEQUEIRA, 2015: 87; MARTINS, 2018: 36.

7 CARVALHO, 2021: 53 e 54; FARIA & MENDES, 2010: 8; FRÓIS, 2019: 9; Segundo MARTINS (2018: 37, nota 93), no final do século XIX cerca de 30% de emprego era na área industrial.

8 RODRIGUES, 2017: 85; SEQUEIRA, 2015: 1 e 2.

9 Sobre a CUF no Barreiro, veja-se FARIA, 2021a, 2021b, 2021c, entre outros.

10 Na sequência do fim do monopólio estatal, em 1857, o Visconde da Junqueira, José Dias Leite Sampaio, inicia o fabrico de sabão e de velas, na fábrica na Quinta da Caldeira, em Alcântara. Depois de vários insucessos em diferentes negócios, strategi-

camente em 1865, cria a União Fabril, juntamente com Anselmo Pinto Bastos e William Gruis. A nova empresa vai comprar os ativos fabris em Alcântara. Cf. FARIA, 2021a: 93; VIDAL, 2013: 694; SEQUEIRA, 2015: 51; SEQUEIRA & CASIMIRO, 2017.

11 FARIA, 2021a: 94.

12 SILVA, 2012: 89.

13 “O edifício e terrenos situados nesta cidade, rua vinte e quatro de julho número novecentos e quarenta, confrontando pelo Sul com a referida rua, pelo nascente com o quartel dos marinheiros militares, pelo norte com a rua do arco, a Alcântara, e pelo poente com a travessa do Baluarte a Alcântara”, FAM-ACAS/UI 12976/ *Escritura de compra e venda*, ff. 2v. “Os terrenos e edifícios situados no lugar do Freixo, freguesia da Campanhã, distrito da cidade do Porto, confinando pelo norte com a estrada que é de serventia desta propriedade e de outras que se faziam parte da quinta do Freixo, pelo sul com o rio Douro, pelo nascente com a fabrica Concordia e pelo poente com o caminho que, partindo da estrada já mencionada vai ter ao rio Douro, separando assim este prédio da fabrica denominada Harmonia”, FAM-ACAS/UI 12976/ *Escritura de compra e venda*, ff. 2v e 3.

14 *Diário do Governo*, 10 de agosto de 1898.

15 *Diário do Governo*, 28 de março de 1897.

16 FARIA, 2004: 105 e 107.

17 AML/*Projeto de ramal do caminho de ferro a Alcântara*, Cx. 3/DSU; BARROS & HORTA, 2003: 52; Este ano é também marcado pela presença da Companhia União Fabril na Exposição Agrícola, que se realizou no Palácio Cristal no Porto, (ANTT/Aurélio da Paz dos Reis, Exposição Agrícola de 1904 no Palácio [de Cristal], Depósito Geral, 1904).

18 VIDAL, 2013: 693 e 694.

19 SAMPAIO, 2013: 745 e 746.

20 NOÉ, 1992.

21 BARBOSA, 1867.

22 ALVES, 1993: 363.

23 BRANCO, 1862: lx.

24 BARBOSA, 1864: 94.

25 *Registo da sociedade denominada Companhia de Saboarias do Porto* (ADP, cota I/29/2-702, fl. 100v a 101v).

26 ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão e máquina a vapor de Joaquim Afonso Velado, 1871-1873, C/9/13/2-6.20.

27 *A Industrialização na Zona Envolvente do Palácio do Freixo* (1850-1930), 2006.

28 *Registo do testamento com que faleceu António Afonso Velado, Visconde do Freixo, proprietário e capitalista* (AMP, A-PUB/5055 - f. 75-82)

29 ADP, Processo referente a uma fábrica de destilação de aguardente e fabricação de cerveja de Peters e Companhia, 1873-1874, C/9/12/4-15.14.

30 *O Bombeiro Português*, nº4, 15 de maio de 1883, p. 29, disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OBombeiroPortuguez/Ano7/N04/N04_mas-ter/OBombeiroPortuguez_N04_15Mai1883.pdf

31 Constituída por Manuel Monteiro de Sousa, Manuel José dos Santos Pereira e Alexandre Augusto Mont'alverne, administrador-delegado da Companhia Nacional de Tabacos, ADPRT,

32 *A Industrialização na Zona Envolvente do Palácio do Freixo (1850-1930)* (2006). Através do blog *Fábrica Sol* registámos a existência deste trabalho, da autoria de Alexandra Castro, Elisabete Botelho e Vânia Azevedo, de 2005. Não obstante os esforços desenvolvidos para o consultar, não foi possível fazê-lo. As menções que aqui se fazem referem-se ao artigo do blog.

33 FAM-ACAS/UI 12976/*Carta de arrematação*, ff. 12, 14v. a 15v.

34 FAM-ACAS/UI 12976/*Carta de arrematação*, f. 1v. A escritura é de 13 de agosto de 1892.

35 FAM-ACAS/UI 12976/*Carta de arrematação*, f. 5v.

36 FAM-ACAS/UI 12976/*Carta de arrematação*, f. 12 e 18v.

37 FAM-ACAS/UI 12976/*Carta de arrematação*, f. 22.

38 FAM-ACAS/UI 12976/*Escritura de compra e venda*, ff. 1 e 1v.

39 FAM-ACAS/UI 12976/*Escritura de compra e venda*, f. 3.

40 FAM-ACAS/UI 12976/*Propriedade da Companhia*, f. 1; FAM-ACAS/UI 12976/*Ficha da Matriz de Propriedade*, f. 1; Na mesma UI há um documento que refere uma área de cerca de 8000m², onde se pode ler: “b) Apenas uma edificação se encontra inscrita na matriz, que é a que corresponde à caderneta supra, com a área coberta de 3.272m². A descrição na Conservatória, onde se refere a área de 3.704,374m² e a existência de 3 pavimentos, e não 2, como se diz na matriz, é a correspondente à realidade; c) As restantes edificações não têm inscrição matricial e são, como se mostra na descrição da Conservatória, as seguintes: 1 - uma casa de habitação, com área de 150.10m²; 2 - uma casa de habitação com a área de 15.90m²; 3 - um armazém com a área de 112m²; 4 - uma prancha com guindaste, com a área de 34,875m²”. Ver em FAM-ACAS/UI 12976/*Fábrica do Freixo* - (pasta nº110).

41 FAM-ACAS/UI 12976/*Ficha da Matriz de Propriedade*, f. 1 e 1v.

42 FAM-ACAS/UI 12976/*Ficha da Matriz de Propriedade*, f. 1.

43 FAM-ACAS/ACA, Ata nº 585, de 30 de dezembro de 1909; FAM-ACAS/ACA, Ata nº 585, de 15 de janeiro de 1910; ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão, Obras diversas, 10-05-1910, D-CMP/9(48), ff. 249-251; ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão. Construir barracão, 26-12-1911;

44 ADP/AC/GCPRT/ Processo Referente a uma Fábrica de Sabão da Companhia União Fabril de Lisboa, C/9/13/2-8.12.

45 FAM-ACAS/ACA, Ata nº 673, de 27 de julho de 1911; FAM-ACAS/ACA, Ata nº 677, de 25 de julho de 1911. FAM-ACAS/ACA, Ata nº 681, de 21 de setembro de 1911; FAM-ACAS/ACA, Ata nº 682, de 30 de setembro de 1911.

46 OLIVEIRA, 1932: 183, entre outras; MEIRELES & RODRIGUES, 1991: 29.

47 ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão. Construir, 27-05-1912; ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão. Construir armazém, 21-5-1913; ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão. Construir parede, 08-03-1918; ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão. Construir armazém, 22-05-1920; ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão. Construir, 23-09-1925; ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão. Construir torre metálica, 30-06-1933. No resumo do citado trabalho *Industrialização na Zona Envolvente do Palácio do Freixo (1850-1930)* informa-se ter havido desde 1929 “Diversas remodelações, em datas que não são precisas, mas que são evidentes numa planta datada de 1960”.

48 REIS, 2021: 55.

49 Constituída em 1937, sediada no Porto, com atividade na produção de sabões, detergentes e glicerina, integrou o grupo CUF em 1962, (SILVA, 2021: 71).

50 FAM-ACAS, Fábrica do Freixo, Documento 1, 12977, f. 1; Documento 3, ff. 1 e 2. “O contrato renova-se automaticamente por períodos de 5 anos, se não for denunciado por qualquer dos contratantes com a antecipação de 24 meses sobre o termo do período em curso”, (FAM-ACAS, FF, Documento 1, 12977, f. 4, Cláusula 7ª, alínea 2).

51 *Idem*, f. 2 Cláusula 1ª, alínea 2.

52 *Ibidem*, f. 3, Cláusula 4ª, alíneas 1 a 3.

53 FAM-ACAS, Fábrica do Freixo, Documento 4, 12977, f. 1 e 2.

54 1º Vol. Visita às Fábricas do Distrito Administrativo de Lisboa, 2º Vol. Visita às Fábricas do Distrito Administrativo do Porto; 3º Vol. Visita às fábricas de Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Castelo Branco, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Portalegre, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real, Viseu, Angra do Heroísmo, Horta, Funchal e Ponta Delgada.

55 CRUZ, 2016: 344-348.

56 Como ficou referido anteriormente, embora o pedido fosse feito à autarquia de Gondomar e o local indicado seja a Ribeira do Abade, é na Quinta do Freixo.

- 57 Inquérito Industrial do Porto, 1881: 195.
- 58 Inquérito Industrial de Lisboa, 1881: 357.
- 59 ADP/Processo referente a uma fábrica de sabão de Raquel Maria Martins, 1908-1908, C/9/13/2-8.5.
- 60 ARAÚJO, 1900: 52.
- 61 Inquérito Industrial, 1881: 196.
- 62 CRUZ, 2006: 347-348.
- 63 FOLGADO, 2005: 358
- 64 MENDES, 2006: 7
- 65 Esta lista parte de *Cartas e Convenções Internacionais sobre Património* (s/d.) e aumenta-a. São documentos assinados por estruturas como a Sociedade das Nações, o ICOMOS (International Council of Monuments and Sites = Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization = Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage = Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial), a Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja ou o Conselho da Europa.
- 66 *Carta de Nizhny Tagil Sobre o Património Industrial*, 2003: 3.
- 67 *Princípios de Dublin*, 2011: 2.
- 68 MENDES, 2006, 2013.
- 69 Decreto Lei nº 309/2009, de 23 de outubro que legisla o Património Cultural Imóvel, art.º 21, nº2.
- 70 FOLGADO, 2004: 28.
- 71 COSTA, *et al*, 2014: 217.
- 72 BARBOSA, 1859: 30.
- 73 *Idem*.
- 74 SOUSA, 2022: 354.
- 75 Da mesma forma, encontram-se semelhanças entre o Barreiro e Sevilha (MIRA & CABEÇAS, 2021; CABEÇAS & MIRA, 2023; CABEÇAS, 2023).
- 76 É interessante verificar que no *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, na seção das “Principais fábricas de Portugal”, no que concerne aos sabões são as duas únicas apontadas (CASTRO, 1870: 352 e 355). Já Alberto Pimentel no seu *Guia do viajante na cidade do Porto e seus arrabaldes*, apenas indica as fábricas do visconde Castro e Silva em Vale de Amores, do Roriz no sítio do antigo Prado do Bispo, e em Santo Ovídio (PIMENTEL, 1877: 38, 150 e 151).

77 FAM-ACAS, LACAFS, ata nº1, de 17 de novembro de 1933, ff. 1 a 3, cota 40299. Sobre o monopólio dos sabões, vejam-se as obras de Miguel Figueira de Faria, entre outras.

78 Nicolas Goyri O'Neill esteve presente nas 46 reuniões realizadas entre 1933 e 1936, e Manuel de Mello apenas numa, em 1935 (FAM-ACAS, LACAFS, ata nº 42, 27 de agosto de 1935, cota 40299). Para mais informação sobre Nicolas Goyri O'Neill veja-se MIRA & CABEÇAS, 2021.

79 ANTT/*Exposição da Companhia União Fabril relativa ao fabrico e aos preços da indústria do sabão*, Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, Gabinete do Presidente, cx. 31, proc. 250/15, n.º 8

80 CARDOSO, 2022: 54.

81 TÁVORA, 2003.





APÊNDICE DOCUMENTAL

DOCUMENTO 1

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão da Companhia União Fabril De Lisboa, 1911, C/9/13/2-8.12.

“Alvará em 24-08-911

Administração do concelho de Gondomar

Freguezia de Valbom

Anno de 1911

Administrador - Snr. Dr. Rufino Cardozo

Escrivão - Barboza

Autos para concezzão de licença para instalação de uma fabrica de sabaõ no logar da Ribeira do Abade, freguezia de Valbom, deste concelho requerida pela Companhia União Fabril de Lisboa.

Autuação

Aos vinte e um dias do mez de fevereiro de mil novecentos e onze, n'esta administração de concelho de Gondomar, autuei os documentos que se seguem.

Exmo. Snr. Administrador do Concelho de Gondomar

Nos termos do artigo 5 do Decreto de 21 de outubro de 1863, vem a Companhia União Fabril, Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada, com sede em Lisboa, pedir a V. Exma. Que se digne promover junto de S. Exa. O Sr, Governador Civil do Districto do Porto, a auctorização para o estabelecimento de uma Fábrica de Sabão, na Freguezia de Valbom, nos terrenos e edifícios onde já, em tempo, esteve installada a fabrica de velas e de sabões pertencentes à extincta Companhia Fabril do Douro. Esses terrenos são hoje propriedade da Supplicante e confrontam: a norte com a estrada publica; ao sul com o rio Douro; ao nascente com a fabrica de moagem “Concordia”; e ao poente com a fabrica de moagem “Harmonia”.

Este requerimento vae instruido com a planta em triplicado, da fabrica e do perimetro que tem de ser occupado pelo estabelecimento; e, bem assim, com uma exposição sobre o respectivo processo fabril.

O local do estabelecimento já está indicado; quanto á sua distancia da habitação mais proxima, não a podemos indicar visto não existirem habitações nas proximidades, mas apenas os estabelecimentos fabris já mencionados.

Espera a supplicante que V. Exa. se digne promover o deferimento deste seu pedido, visto não haver perigo algum para a saúde publica, nem inconveniente qualquer, com o estabelecimento de tal Fabrica, tanto mais que já no mesmo local existiu uma Fabrica de Sabão e Velas sem que a pratica tivesse mostrado qualquer inconveniente.

Saude e Fraternidade

Lisboa 20 de Fevereiro de 1911

Pela Companhia União Fabril
O administrador geral
Alfredo da Silva

Exposição anexa ao requerimento da Companhia União Fabril d'esta data

O produto que se tem em vista fabricar é sabão feito a quente em caldeiras abertas ou fechadas conforme as conveniencias do fabrico e o typo dos sabões que se pretendem obter, por aquecimento directo por fogo e tambem a vapor conforme as qualidades.

O sabão é cosido por qualquer destes processos, nas caldeiras e depois de terminado o seu empaste e saponificação, corre para moldes de madeira ou de ferro conforme mais conveniente. Nesses moldes é arrefecido e depois cortadonem machinas manuaes, em barras do tamanho apropriado que serão devidamente marcadas e mettidas em caixas proprias para cada tamanho de barras.

Os aparelhos, pois, que se empregam em tal fabrica são como resulta desta propria exposição:

- As Caldeiras para a cozedura do sabão;
- Os Moldes;
- Alguns pequenos Wagonetes onde se transporta o sabão;
- As machinas manuaes para o corte,

Lisboa 20 de fevereiro de 1911
Pela Companhia União Fabril

O administrador geral
Alfredo da Silva

Aos vinte e dois dias do mez de fevereiro de mil novecentos e onze juntei a estes autos a copia de edital que se segue. Eu (?) Barboza, escrivão. Cópia = Papel do imposto de sello da taxa de cem reis. Rufino Ferreira Cardoso, médico cirurgião pela Escola Medico Cirurgica do Porto e administrador do concelho de Gondomar: Faço saber que na administração d'este concelho foi requerida licença pela Companhia União Fabril de Lisboa, para estabelecer uma fabrica de sabão no logar da Ribeira do Abbadé, Freguezia do Valbom, deste concelho, comprehendida na segunda classe com a designação dos inconvenientes residuos lamacentos, fumo e cheiro desagradavel pelo

que, em conformidade do artigo sexto do decreto de lei de vinte e um de outubro de mil oitocentos sessenta e três, convidam-se todas as autoridades, chefes ou gerentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a apresentar n'esta administração, dentro do prefixo prazo de trinta dias, as reclamações de qualquer motivo de opposição que tiverem contra a concessão da mesma licença. E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser affixados nos logares do costume. Administração do concelho de Gondomar, vinte e dois de fevereiro de mil novecentos e onze. Eu Alexandre Mendes Barboza, escrivão, o subscrevi. O administrador do concelho Rufino Ferreira Cardozo. Logar de uma estampilha do imposto de sello de cem reis, bem inutilizada.

----- Nada mais contem o referido edital que aqui fica fielmente transcripto do proprio, ao qual me reporto. Administração do concelho de Gondormar vinte e dois de fevereiro de mil novecentos e onze. E eu Alexandre Mendes Barboza, escrivão, (?).

Alexandre Mendes Barboza

Certidão

Certifico que hoje assinei dois exemplares do edital a que se refere a copia de fls. Sendo um na porta da casa da administração deste concelho e outro na da Igreja Parochial de Valbom, annunciado a fundação de uma fabrica de sabão no logar da Ribeira do Abbade, freguezia da dita de Valbom, requerida pela Companhia União fabril de Lisboa. Por ser verdade passo a presente que asigno,

Gondomar, 23 de fevereiro de 1911

O Official de deligencias

Antonio da Silva Marques

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de mil novecentos e onze junto a estes autos um exemplar do jornal "Portugal Novo" em que se ve o annuncio. Eu Alexandre Mendes Barboza.

Certifico que findou o prazo de trinta dias marcados nos editaes de que trata a copia junta a estes autos sem que fosse apresentada n'esta administração apposição alguma contra a concessão de licença requerida pela Companhia União Fabril de Lisboa para estabelecer uma fabrica de sabão no logar da Ribeira do Abbade, freguezia do Valbom, d'este concelho, como tudo consta d'estes mesmos autos.

Do que para constar passo a presente que assigno.

Administração do concelho de Gondomar, 25 de março de 1911

Escrivão

Alexandre Mendes Barboza

O edificio em que se pretende instalar a fabrica de sabão visto, espaçoso, regularmente construido e vissivelmente conservado, já n'outro tempo teve n'elle instalada uma fabrica de vallas de estearina sabão e oleos. Está situado entre a estrada destrital do Porto a entre ? e o Rio Douro, isolado de outros predios e tem por vizinhos a leste e oeste duas fabricas de moagem e n'esta ultima direcção o palacete do fallecido Visconde do Freixo. Tem o solo de cimento mas um pouco arruinado.

Como se vê das tabellas annexas ao ? de outubro de 1863 a fabrica de sabão está incluída na 2ª classe.

Não sei de inconveniente algum que brigue com o estabelecimento requerido e por isso dou de parecer que pode ser concedida a licença ? mediante as condições seguintes:

1º de ser separado ou reformado o solo do edificio e os diversos condutores das aguas de limpeza;

2º de ter o deposito de agua sempre provido de este liquido;

3º de os encanamentos de esgoto irem no leito do rio Douro até a linha da maré vazar;

4º de todos os sabbados, pleo menos, ser o solo do edificio lavado, louza convenientemente, bem como todos os utensilios empregados no fabrico.

Gondomar, 18 de abril de 1911

Joaquim Augusto (?)

Sustento que pode ser concedida a licença que a Companhia União Fabril de Lisboa pede para estabelecer uma fábrica de sabão em lugar da Ribeira do Abade Freguesia de Valbom o concelho de Gondomar sendo cumpridas condições estabelecidas pelo respectivo delegado de saúde declaradas a folha de 13 V e 14 destes autos as quais acrescente as seguintes primeira todo o pavimento da fábrica será impermeável e com inclinação precisa para o fácil do escoamento das águas para o ponto em que devem entrar na canalização que as conduzirá ao rio quarta esta canalização deve ser impermeável quinta a chaminé e Levasse a acima do mais alto do Telhado existente com de 40 metros sexta as paredes desafios serão rematadas de azulejos até 2 metros de altura pelo menos E serão lavadas todos os dias bem como o pavimento 7ª todos os resíduos lamacentas serão removidos diariamente para fora de fábrica

Porto 24 de maio de 1911,
Barbosa de Araújo (?)

Remeta-se ao engenheiro chefe dos serviços técnicos da Indústria para dar o seu parecer sobre a fundação do estabelecimento de que trata o presente processo governo de Civil do Porto 26 de maio de 1911 o procura o governador civil Paulo Falcão.

Informo que não há inconveniente na licença mediante as condições impostas pela Delegação de Saúde para o estabelecimento de uma fábrica de sabão no lugar da Ribeira de abade Freguesia de Valbom José Freitas.

3 de junho de 1911

A comissão distrital informa que o requerimento servira if super ser referir-se Em conformidade com as informações dos Técnicos Porto 22 de junho de 1911 José Fontes Delfim cena Ricardo Pinto da Costa e José Adelino não se percebe o apelido

Tendo ouvido a comissão distrital sobre o assunto de que trata o presente processo em que a Companhia União Fabril de Lisboa pede licença para instalar uma fábrica de sabão no lugar de Ribeira do Abade Freguesia de Valbom concelho de Gondomar estabelecimento este que se achou compreendido na segunda classe da tabela

anexa ao decreto de 21 de outubro de 1863 considerando-se que foram observadas as formalidades legais e conformando me culpar ser de referida comunicação concedida licença pedida com as condições aconselhadas pelos delegados e subdelegados de saúde a folha 13 versos 14 15 verso e 16 deste processo desse desta resolução conhecimento a interessada e caso demonstre que não foi interposto recurso dentro do Prazo legal pede-se Alvará de licença governo civil do Porto.

1 de julho de 1911

o governo governador civil

Rufino Ferreira Cardoso médico cirurgião pela escola médica cirúrgica do Porto e administrador do concelho de Gondomar manda um dos oficiais de ligencia desta estação que visto este por mim Assinado intime Em conformidade do 13 de lei de 21 de outubro de 1863 ao Sub delegado de saúde deste conselho o despacho dos si-
lent-100 governador civil concedendo licença para estabelecer uma fábrica de sabão no lugar de Ribeira do Abade Freguesia de Valongo podemos dentro do prazo de 30 dias das condições da mesma licença O que se compra na passando certidão em forma legal para os devidos efeitos administração do concelho de Gondomar.

7 de julho de 1911

Alexandre Mendes Barbosa Escrivão

Rufino Ferreira Cardoso

Certidão certifico em como íntima e hoje ao senhor Sub delegado de saúde desde conselho para todo o conteúdo no mandado retro o despacho do Excelentíssimo Senhor governador civil do distrito de concedendo licença a Companhia União Fabril de Lisboa para instalar uma fábrica de sabão no lugar da Ribeira do Abade de Freguesia de Valbom de que lhe dei cópia e de como ficou bem Ciente comigo assim nesta intimação.

Gondomar 10 de julho de 1911

O oficial de diligências

António Moreira dos Santos

Tarte precatória para intimação a Companhia União Fabril de Lisboa dirigida ao cidadão administrador do quarto bairro de Lisboa em nome de Justiça faço saber a todas as autoridades administrativas a quem o conhecimento deve ter carta precatória haja Ou devo pertencer pela administração do concelho de Gondomar correm e tendem seus devidos termos um saltos para concessão de licença para instalações de uma fábrica de sabão no lugar da Ribeira do Abade de Freguesia de Valbom do referido conselho nos quais se acha outros passos do tio seguinte quinte merecem forma legal a dita companhia em conformidade do parágrafo 1º do artigo 13 de leite 21 de outubro de 1863 podendo aquela companhia recorrer dentro do prazo de 30 dias das condições da mesma licença tendo ouvido a comissão distrital sobre o assunto de que trata o presente processo em que a companhia Lisboa pede licença para instalar uma fábrica de sabão no lugar de Ribeira do Abade Freguesia de Valbom concelho de Gondomar estabelecimento este que se acha compreendido na segunda classe da tabela anexa ao decreto de 21 de outubro de 1863 Considerando que foram observadas as formalidades legais e conformando me com o parecer da referida comissão concedida licença pedido com as condições aconselhadas pelos delegados e subdelegados de saúde a folhas de 13 versos e 14 15 16 deste processo desse desse resolução conhecimento a interessada e se mostre que não foi interposto recurso dentro do Prazo legal passa-se Alvará de licença governo civil do Porto 1 de julho de 1911 o governador civil José Nunes da ponte e de com a mencionada companhia fique bem 20 do despacho Tá escrito e para os filhos no mesmo declarados Parece passar necessário certidão em forma entregando-lhe no ato da intimação Cópia das condições aconselhados pelo Delegado e subdelegado de saúde que vai junta por linha e esta pretória administração do concelho de Gondomar.

7 de julho de 1911

Alexandre Mendes Barbosa Escrivão

Rufino Ferreira Cardoso”

DOCUMENTO 2

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão e velas de Manuel Monteiro de Sousa, 1888-1890, C/9/13/2-7.16.

“Porto, 1888

Administração do Bairro Oriental.

Autos de requerimento para concessão de licença para montar uma fábrica de sabão e velas de estearina, na quinta denominada do Freixo junto ao rio Douro, freguesia da Campanhã.

Manoel Monteiro de Sousa, Manoel José dos Santos Pereira, e Alexandre Augusto Montalverne, constituídos em sociedade, abaixo da forma de Monteiro, Santos & C^a.

Ano do nascimento do nosso senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta e oito aos vinte e dois dias do mês de maio do dito ano nesta cidade do Porto e Administração do Bairro Oriental pelo meritíssimo Administrador Doutor Henrique de Carvalho (?),

me foram dados o requerimento, planta e relatório ao diante, que autoei: E eu Miguel Gonçalves da Silva, secretário que o escrevi e assino.

Miguel Gonçalves da Silva

Exposição

A fábrica de sabões e velas de estearina que Manuel Monteiro de Sousa, Manuel José dos Santos Monteiro e Alexandre Augusto (?) constituídos em sociedade de baixo da forma comercial Monteiro, Santos e C.^{ia}, pretendem montar será estabelecida como já se diz no requerimento num terreno que pertenceu à quinta denominada do Freixo.

A fábrica será movida a máquinas, geradores de vapor que oportunamente se farão as declarações precisas para poderem funcionar.

Os materiais aplicáveis são sebo fundido, aceite de Oliveira, óleo de palma, resina de pinheiro, carbonato de soda, soda cáustica, olaina, etc.

O número de operário não pode por enquanto determinar por isto depende do movimento que a fábrica tiver.

As confrontações são:

Pelo lado ao norte, nascente e sul com Gustavo Peters com a margem do rio Douro.

A casa mais próxima fica a mais de 50,00 que vem a ser o palacete do Freixo.

As boas condições locais parece por ao abrigo dos inconvenientes marcados na tabela da segunda classe junta a lei de vinte um de outubro de 1863 e por isso nas circunstâncias de seu licenciado como representado.

Porto, 21 de maio de 1888

Assinaturas”

DOCUMENTO 3

FAM-ACAS, *Fábrica do Freixo*, Doc. 01, ACAS - 12977.

“Entre a Companhia União Fabril, S.A.R.L., com sede em Lisboa, na Avenida Infante Santo nº2, de ora em diante abreviadamente designada CUF, como 1ª contratante e Floral - Sociedade de Perfumarias e Produtos Químicos, Lda., com sede na Rua Nova de S. Crespim, nº 135 - Port, de ora em diante designada abreviadamente Floral, como 2ª contratante, estabelece-se o contrato de exploração de estabelecimento industrial regido pelas cláusulas seguintes:

1ª

1 - A CUF proprietária e legítima possuidora do estabelecimento industrial de 2ª classe, licenciado pelo alvará nº 1777 da 1ª circunscrição industrial, o qual se compõe dos maquinismos constantes da relação anexa, a qual fica a fazer parte integrante do presente contrato, e se encontra instalado no lugar do Freixo em edifício propriedade da CUF.

2 - A CUF obriga-se a pedir a transferência para o mencionado estabelecimento de 3

grupos de moinhos de rolo e uma extrusora, destinados ao fabrico de sabonetes e que atualmente possui instalados na sua Fábrica União em Lisboa.

2ª

1 - A CUF transfere para a Floral a exploração do estabelecimento atrás identificado e bem assim a dos maquinismos identificados no nº 2 da cláusula anterior, para que a Floral os utilize na fabricação de produtos (sabões e sabonetes) a que os mesmos maquinismos se destinam.

2 - No exercício da sua exploração a Floral utilizará o edifício onde se encontrem instalados os maquinismos com todos os seus anexos e pertences excetuando-se parte do primeiro piso térreo e dois armazéns do 2º piso térreo que continuam na posse e usufruição da CUF. A Floral transferirá igualmente para o estabelecimento aqui cedido os maquinismos que possui instalados - ao abrigo do alvará nº 13.181 da 1ª circunscrição industrial - para o fabrico de sabonetes, sabões especiais, cosméticos, perfumarias, detergentes e cartonagens, na Rua Nova de S. Crespim, nº 135-139, maquinismos com que irá laborar no estabelecimento ora cedido e que continuarão de su propriedade.

3 - A Floral obriga-se a facultar os meios adequados ao uso e fruição pela CUF dos armazéns referidos na cláusula anterior, durante as horas normais de expediente e, designadamente a ceder as facilidades de carga e descarga de que atualmente a CUF e suas Associadas dispõem.

3ª

1 - Para a conveniente exploração do estabelecimento cedido, a Floral poderá proceder a obras de transformação e adaptação dos edifícios.

2 - Tais obras carecem de autorização précia da CUF devendo as repetivas autorizações constar de documento assinado pelo representante da CUF.

3 - A Floral não assiste qualquer direito de indemnização ou retenção pelas obras a efetuar.

4ª

1 - A Floral obriga-se a produzir no estabelecimento cedido sabonetes e sabões Offenbach e Amêndoa dos tipos que a CUF entender convenientes e que lhe vier a indicar, cujo fabrico seja compatível com os maquinismos presentemente instalados.

2 - No caso previsto no número anterior a CUF obriga-se a adquirir, por si ou por pessoa ou entidade por ela indicada, os sabões produzidos pela Floral.

3 - Salvo acordo em contrário de ambas as contratantes os sabões produzidos nos termos do nº 1 desta cláusula não excederão 36.000 caixas por ano.

5ª

1 - Como retribuição pela cedência do estabelecimento industrial a Floral obriga-se a pagar à CUF mensalmente e no último dia de cada mês, a importância de 10.000\$00 acrescida de 3.000\$00 durante os primeiros 84 meses de vigência deste contrato.

2 - Se não vier a ser autorizada a transferência dos maquinismos indicados no nº 2 da cláusula 1ª, a retribuição a pagar pela Floral à CUF é de 10.000\$00 mensais.

6ª

A Floral obriga-se a conservar em bom estado de funcionamento os maquinismos de quem parte do estabelecimento bem como a proceder `conservação do edifício, anexos e pertences em que o mesmo estabelecimento está instalado.

7ª

1 - O presente contrato é feito pelo prazo de 20 anos, contando-se o seu início a parte de 1/8/67 e finando em 31/7/87.

2 - Este contrato renovar-se-à automaticamente por períodos de cinco anos de não for denunciado por qualquer dos contretantes com a antecipação de 24 meses sobre o termo do período em curso.

8ª

1 - A Floral e Unisol - Dociedade de Distribuição e Exportação, S.A.R.L. com sede em Lisboa na Rua da Creche nº 17 será celebrado até 1/8/67 um contrato de representação e distribuição por esta de produtos fabricados pela Floral.

2 - Além das cusas gerais de rescisão do presente contrato poderá ainda o mesmo ser revogado pela CUF em caso de incumprimento devido a falta da Floral das cláusulas constantes do contrato identificado no número anterior.

9ª

1 - Os contratantes reciprofamente acietam submeter a árbitros, de hamonia com o processo estabelecido nos artigos 1508º e seguintes do código de processo civil as questões emergentes do presente contrato.

2 – Os contratantes aceitam o foro da comarca de Lisboa para as questões emergentes do presente contrato.

Lisboa, ___de Agosto de 1967,

Assinaturas do administrador da CUF; Geredente da Floral e pelo Banco Totta Aliança”.



LISTA DE FIGURAS*

Fábrica do Freixo. Alçados da Embalagem, à direita, e Moldes de Sabão. Porto, (FAM-ACAS, AFCAS - 58421).

Fábrica do Freixo. Arrecadação e sanitários. Porto, (FAM-ACAS, AFCAS - 58427).

Planta da Fábrica das Fontainhas, s.d., (FAM-ACAS)

Planta da Fábrica Sol, 1921 (FAM-ACAS).

Zona de proteção do palácio do Freixo, Porto, (SIPA DES 00002932).

Planta designando a tinta carmim o lugar aonde Manoel Monteiro de Souza, Manoel José dos Santos Pereira e Alexandre Augusto Montealverne, desejam montar uma fábrica de sabão e velas de estearina, 21 de maio de 1888, Porto, (ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão e velas de Manuel Monteiro de Sousa, 1888-1890, C/9/13/2-7.16).

Auto de requerimento para concessão de licença para instalação de uma fábrica de sabão..., 1911, (ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão da Companhia União Fabril De Lisboa 1911, C/9/13/2-8.12).

Planta do terreno e fábrica do Freixo, 1911, (ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão da Companhia União Fabril De Lisboa 1911, C/9/13/2-8.12).

Fábrica do Freixo. Pormenor do conjunto das coberturas. Porto, (FAM-ACAS, AFCAS - 58417).

Anúncio da Floral, 1967, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Planta das instalações da Fábrica do Freixo, s.d., (FAM-ACAS).

Antiga fábrica da Floral, com os logos da CUF e da Floral na fachada, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Caixa da Floral, sabonete Taipas, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Envolcros sabonete Taipas, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Caixa de pequenos sabões da Flora, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Caixa de sabonete de Alcatrão - Floral, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Sabonetes de Alcatrão - Floral, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Sabonete de Alfazema - Floral, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Sabonete Rosas de Toucar - Floral, Caixa de sabonete de Alcatrão, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Talco - Floral, imagem cedida por Ricardo Ferreira.

Chaminé preservada no Pestana Douro Riverside, fotografia de Jorge Quintas.

Forno preservado no Pestana Douro Riverside, fotografia de Jorge Quintas.

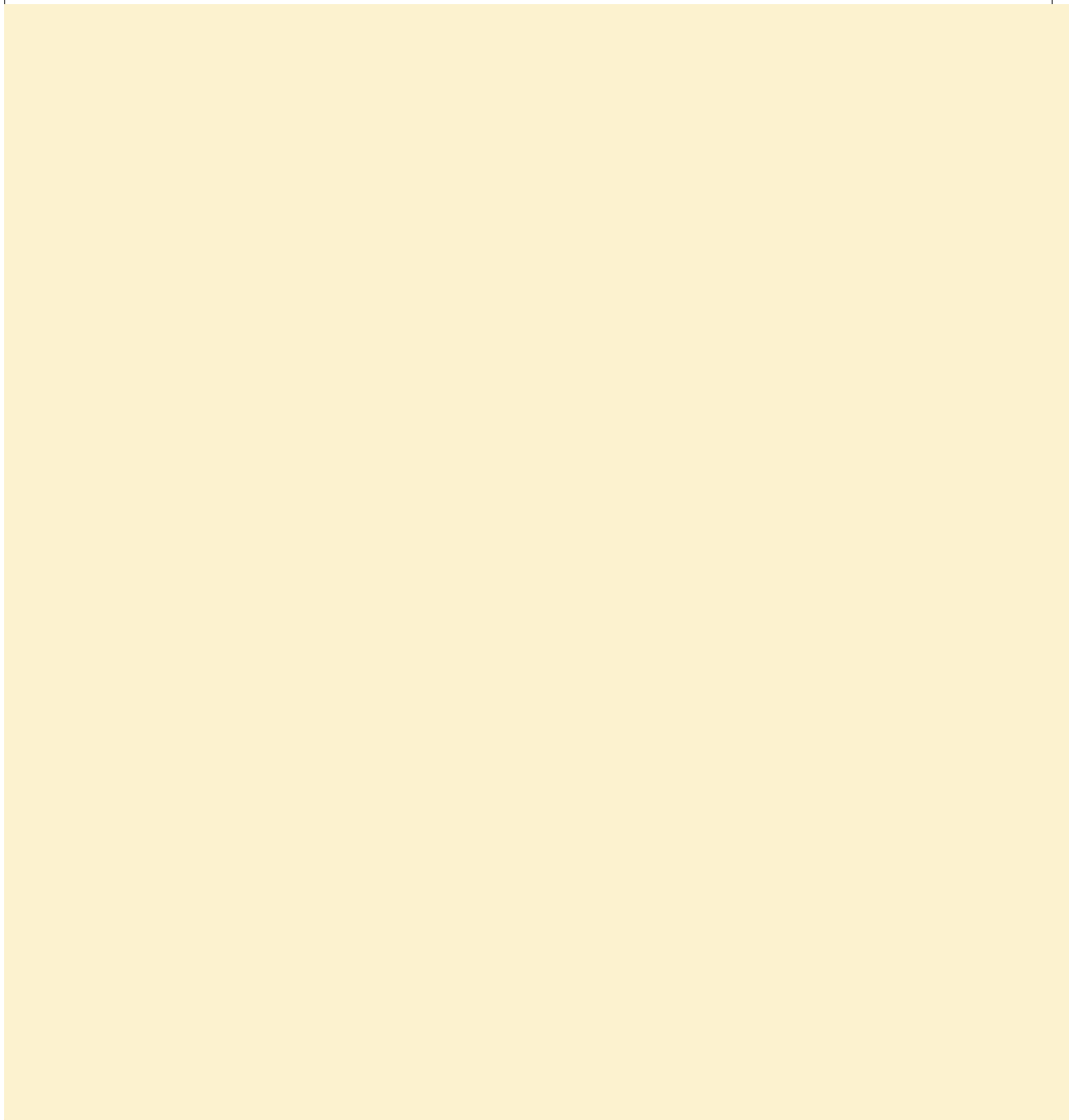
Panorâmica do hotel Pestana Douro Riverside, fotografia cedida pelo Grupo Pestana.

Fábrica do Freixo. Estufa para plantas. Porto, (FAM-ACAS, AFCAS - 58422).

Fábrica do Freixo. Casa da balança. Porto, (FAM-ACAS, AFCAS - 58424).

Fábrica do Freixo. Ponte de ligação ao 2º piso. Porto, (FAM-ACAS, AFCAS - 58423).

* Por ordem de aparecimento.



FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Distrital do Porto (ADP)

ADP, Processo referente a uma fábrica de destilação de aguardente e fabricação de cerveja de Peters e Companhia, 1873-1875, C/9/12/4-15.14.

ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão, Obras diversas, 10-05-1910, D-CMP/9(48), ff. 249-251. ADP/AH/LO/Fábrica de Sabão. Construir barracão, 26-12-1911; Construir, 27-05-1912; Construir armazém, 21-5-1913; Construir parede, 08-03-1918; Construir armazém, 22-05-1920; Construir, 23-09-1925; Construir torre metálica, 30-06-1933.

ADP/Processo referente a uma fábrica a vapor de sabão de António Joaquim Monteiro, 1890, C/9/13/2-7.21.

ADP/Processo referente a uma Fábrica a Vapor de Sabão de António dos Santos Lesça, 1866-1867, C/9/13/2-6.1

ADP/Processo referente a uma fábrica a vapor de sabão de Bernardinho Carlos De Azevedo Varela, 1892-1893, C/9/13/2-7.18.

ADP/Processo referente a uma Fábrica a vapor de sabão de Francisco de Sousa Júlio, 1866-1867, C/9/13/2-6.3.

ADP/Processo referente a uma fábrica a vapor de sabão de José Ignácio Ferreira Roriz, 1873, C/9/13/2-6.26.

ADP/Processo referente a uma Fábrica a vapor de Sabão de Juan Gimenez Cabrera, 1867, C/9/13/2-6.6.

ADP/Processo referente a uma Fábrica a vapor de Sabão de Manuel Ferreira de Esmoriz e Joaquim Rodrigues de Madeira, 1888-1889, C/9/13/2-6.7.

ADP/Processo referente a uma fábrica a vapor de sabão de Vitor Maria Martins, 1883-1884, C/9/13/2-7.10.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão com caldeira a vapor de José Júlio Bouças, 1873, C/9/13/2-6.23.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão com máquina a vapor de Domingos Alexandrino Ferreira Da Silva, 1882, C/9/13/2-7.9.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão da Companhia União Fabril De Lisboa, 1911, C/9/13/2-8.12.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Agostinho José Vieira, 1875, C/9/13/2-7.3

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Albino de Sousa Santos, 1914-1915, C/9/13/2-8.6

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Alexandrino E Guimarães, 1902-1905, C/9/13/2-8.16.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Amadeo Maria Martins e Armando Cardoso Lopes, 1908, C/9/13/2-8.15.

ADP/Processo referente a uma fábrica de sabão de Amorim, Martins e Tourão, 1900-1910, C/9/13/3-12.7.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de António da Fonseca Monteiro e António Joaquim Monteiro, 1889, C/9/13/2-8.20.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de António Francisco Canedo e Teixeira, 1870, C/9/13/2-6.14.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de António Mouzinho de Sousa, 1871, C/9/13/2-6.16.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de António Pereira Santo Amaro, 1869-1870, C/9/13/2-6.9.

ADP/Processo referente a uma fábrica de sabão de António Ribeiro Borges da Cunha, 1888-1889, C/9/13/2-7.15.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de António Tomás Cardoso, 1892-1894, C/9/13/2-8.18.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de António Zacarias da Silva Coelho, 1872-1873, C/9/13/2-6.22.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Athanázio Losa, 1873, C/9/13/2-6.24

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Augusto Rodrigues, 1922, C/9/13/4-16.1

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Camilo José de Macedo, 1891-1892, C/9/13/2-8.19.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Carlos Enes, 1905-1909, C/9/13/2-8.14.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Constantino Pacheco Pinto Ribeiro, 1884-1885, C/9/13/2-7.11.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Eduardo Maia Correia de Sá Lobo, 1870, C/9/13/2-6.13.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Francisco Gonçalves Cortes, 1908-1910, C/9/13/2-8.13.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Francisco Hora, 1868, C/9/13/2-6.5.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Francisco Soares Pinto, 1879-1880, C/9/13/2-7.7.

ADP/Processo referente a uma fábrica de Sabão de Guedes e Bastos, 1913-1914, C/9/13/2-8.9.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Ignácio Martins São Martinho, 1887, C/9/13/2-7.13.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de João Alves Fraga Lamares, 1912-1915, C/9/13/2-8.7.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de João Lopes Pereira, 1870, C/9/13/2-6.12.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de João Manuel Gomes, 1870, C/9/13/2-6.15.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de João Serafim de Barros e Companhia, 1895-1896, C/9/13/2-8.3.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Joaquim de Abreu Guerra, 1889-1890, C/9/13/2-7.17.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Joaquim Ferreira, 1868-1869, C/9/13/2-6.8.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Joaquim Martins de Almeida, 1913, C/9/13/2-8.10.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de José Arcénio Freire, 1887-1888, C/9/13/2-7.14.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de José Artur da Cunha Seixas, 1876-1877, C/9/13/2-7.4.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de José Augusto Mendes Pereira, 1871-1873, C/9/13/2-6.25.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de José Bento do Lago Rodrigues, 1871-1872, C/9/13/2-6.19.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de José Bento do Lago Rodrigues de Freitas, 1891-1893, C/9/13/2-7.19.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de José Bento Domingues, 1873-1874, C/9/13/3-12.5.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de José Luís Bouças, 1869, C/9/13/2-6.10.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Machado e Companhia, 1874-1875, C/9/13/2-7.1.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Magalhães e Barbosa, 1901-1902, C/9/13/2-8.4.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Manuel Barreto Costa, 1921, C/9/13/4-15.15

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Manuel Borges Landim, 1871-1872, C/9/13/2-6.21.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Manuel José Ferreira Marques e Filhos, 1922, C/9/13/4-15.11.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Manuel Vieira Cobas, 1871, C/9/13/2-6.17.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Max Nagel, 1894-1895, C/9/13/2-8.17.

ADP/Processo referente a uma fábrica de sabão de Raquel Maria Martins, 1908-1908, C/9/13/2-8.5.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Roque José Martins e Companhia, 1870, C/9/13/2-6.11.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Serafim Pinto Resende, 1866, C/9/13/2-6.2.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão de Serafim Pinto Resende, 1867 C/9/13/2-6.4.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão e máquina a vapor de Joaquim Afonso Velado, 1871-1873, C/9/13/2-6.20.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão e sabonetes de Manuel Joaquim da Costa Leite e Joaquim de Abreu Guerra, 1891-1894, C/9/13/2-7.20.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão e serração de madeira por meio de uma máquina a vapor de Bernardo José Gonçalves, 1870-1879, C/9/13/2-7.6.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão e Tinturaria de António da Costa Barreiro, 1871-1872, C/9/12/1-1.9.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão e velas de Manuel Monteiro de Sousa, 1888-1890, C/9/13/2-7.16.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão e Velas de Sebo de Francisco Fernandes de Castro, 1866, C/9/12/5-17.14.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabão, sabonetes e outros produtos químicos de Ferdinand Claus, 1891-1892, C/9/13/2-8.1.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Sabonetes e Pó de Sabão de Patrício Pinto Correia, 1915-1916, C/9/13/2-8.8.

ADP/Processo referente a uma Fábrica de Tabaco e Sabão de Vieira e Irmãos, 1871, C/9/13/2-5.1.

ADP/Processo referente a uma máquina a vapor para o fabrico de sabão de Joaquim José Vilela, 1871-1872, C/9/13/2-6.18.

ADP/Registo da sociedade denominada Companhia de Saboarias do Porto, I/29/2-702, ff. 100v a 101v.

Fundação Amélia de Mello – Arquivo CUF Alfredo da Silva (FAM-ACAS)

FAM-ACAS, LACAFS, Ata nº1, de 17 de novembro de 1933; Ata nº 42, 27 de agosto de 1935, cota 40299.

FAM-ACAS/ACA, Ata nº 398, de 26 de Abril de 1906; Ata nº 402, de 30 de Maio de 1906; Ata nº 486, de 17 de Janeiro de 1908; Ata nº 537, de 14 de Janeiro de 1909; Ata nº 543, de 25 de Fevereiro de 1909; Ata nº 562, de 22 de Julho de 1909; Ata nº 585, de

30 de dezembro de 1909; Ata nº 585, de 15 de janeiro de 1910; Ata nº 673, de 27 de julho de 1911; Ata nº 677, de 25 de julho de 1911; Ata nº 681, de 21 de setembro de 1911; Ata nº 682, de 30 de setembro de 1911.

FAM-ACAS/UI 12913/*Escritura de transmissão de propriedade; Certificado da Escritura de transmissão de propriedade; Expropriação pela Câmara Municipal de Lisboa, de uns telheiros na Rua Cozinha Económica*, Doc. Nº 1 e Doc. nº 3.

FAM-ACAS/UI 12914/*Escritura de transmissão de propriedade; Ficha da Matriz de Propriedade*.

FAM-ACAS/UI 12976/*Carta de arrematação; Escritura de compra e venda; Ficha da Matriz de Propriedade; Fábrica do Freixo - (pasta nº110)*.

FAM-ACAS/UI 12977/*Fábrica do Freixo*, Documentos 1, 2, 3 e 4.

Arquivo Municipal de Lisboa (AML)

AML/8340/1ªREP/PG/1894/*Companhia Aliança/Obra de alteração*.

AML/1739/1ªREP/PG/1896/*Companhia Aliança/Obra de alteração*.

AML/*Parecer sobre a iluminação de duas fábricas da Companhia União Fabril*, Cx. 108/SGO, f.1.

AML/*Projeto de ramal do caminho de ferro a Alcântara*, Cx. 3/DSU.

Arquivo Municipal do Porto

AMP/*Registo do testamento com que faleceu António Afonso Velado, Visconde do Freixo, proprietário e capitalista*, A-PUB/5055 - f. 75-82.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

ANTT/*Exposição da companhia união fabril relativa ao fabrico e aos preços da indústria do sabão*, Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, Gabinete do Presidente, cx. 31, proc. 250/15, nº 8.

ANTT/Aurélio da Paz dos Reis, Exposição Agrícola de 1904 no Palácio [de Cristal], Depósito Geral, 1904.

Periódicos

A Capital, 11 de dezembro de 1910; 12 de dezembro de 1910

O Bombeiro Portuguez, nº4, 15 de maio de 1883.

Diário do Governo, 28 de março de 1897, 10 de agosto de 1898.

O Século, 15 de fevereiro de 1898, p. 1 e 2; 8 de novembro de 1910.

Portugal Novo, de 26 de fevereiro de 1911.

Bibliografia

Collecção Official de Legislação Portuguesa anno de 1894. Lisboa, Imprensa Nacional, 1895, p. 1050, disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/80/117/p250>

Património Cultural Imóvel, Decreto Lei nº 309/2009, de 23 de outubro.

Estudos

A Industrialização na Zona Envolvente do Palácio do Freixo (1850-1930) (2006). *Fábrica Sol*, [artigo em blog], disponível em <http://fabricasol.blogspot.com/2006/02/fbrica-do-freixo.html>

ALVES, J. F. (1993). *Os Brasileiros, Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Porto: Ed. de Autor, disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7036>

ARAÚJO, 1900: 52. ARAÚJO, M. (1900). *Indústrias de Braga: notas de um jornalista*. Braga: Tipografia Pax.

BARBOSA, F. F (1864). *Elucidário do viajante no Porto*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

BARBOSA, I. V. (1859). A Quinta do Freixo sobre o rio Douro. *Ilustração Luso-Brasileira*, vol. 3, nº 4, p. 30

BARBOSA, I. V. (1867). Quinta e Fábrica do Freixo. *Arquivo Pitoresco*, vol. 10, p. 198.

BARROS, J. L. & HORTA, A. F. S. (2003). *Fotobiografia do século XX: Alfredo da Silva*. Lisboa: Círculo de Leitores. ISBN 972-42-2912-2.

BRANCO, M. B. (1862). *Dicionário Geográfico Abreviado de Portugal e Suas Possessões Ultramarinas*. Porto: Casa de Viúva Moré Editora

CABEÇAS, R. M. (2021). As saboarias CUF: a Fábrica do Freixo. In M. F. FARIA (coord.), *Alfredo da Silva e a 1ª República*. Lisboa: Leya/Dom Quixote, pp. 105-108.

CABEÇAS, R. M. (2023). *A Circulação de modelos fabris: o traço francês nos planos CUF*. In J. M. Fernandes e M. F. Faria (Coords.), *Arte e arquiteturas CUF: História e Contexto*. Lisboa: Princípia.

CABEÇAS, R. M. & MIRA, M. R. (2023) A construção da fábrica de Sevilha: a experiência do Barreiro aplicada em Espanha. In M. F. FARIA & F. VIDAL (coords.), *Patrimónios Fabris e Requalificação Urbana*. Cascais: Princípia, pp. 93-104.

CARDOSO, J. L. (2022). Alfredo da Silva, a CUF e a gestão do contexto político, económico e social. In M. B. CRUZ (coord.) *Atas da Conferência Nacional «150 Anos de Alfredo da Silva»*. Cascais: Princípia, pp. 51-74

Carta de Nizhny Tagil Sobre o Património Industrial (2003). Nizhny Tagil: International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage, disponível em <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>

Carta Europeia do Património Arquitetónico. Amesterdão: Conselho da Europa, disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CARTAEUROPEIADOPATRIMONIOARQUITECTONICO.pdf>.

Cartas e Convenções Internacionais sobre Património. Lisboa: DGPC, disponível em <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/>

CARVALHO, M. (2021). *O Papel do Arvoredo Urbano na Mitigação das Alterações Climáticas em Espaços Vacantes. Caso de Estudo: Marvila-Beato, Lisboa*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/23589>

CASTRO, A. (1963). Sabão. In J. SERRÃO (dir.), *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Figueirinhas, vol. 5, pp. 401-403.

CASTRO, J. B. (1870). *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Tipografia do Panorama, vol. 4.

COELHO, N. (2013). *O Design de embalagem em Portugal no século XX: do funcional ao simbólico. O estudo de caso da Saboaria e Perfumaria Confiança*. Tese de doutoramento apresentada na Universidade de Coimbra. Coimbra, disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/23803>

- COELHO, N. (2017). *Uma história de Confiança: a indústria da saboaria e perfumaria no século XX português*. Lisboa: Tinta-da-China.
- COSTA, A; ORNELAS, C; GUEDES, J. & PAUPÉRIO, E (2014). Chaminés de alvenaria de tijolo: sistema construtivo de chaminés para fábricas no Porto entre os séculos XIX e XX. *Anuário do Património*, nº 2, pp. 216-221.
- CRUZ, I. (2016). *Da Prática de Química à Química Prática*. Évora: Universidade de Évora, Tese de doutoramento em História e Filosofia da Ciência.
- FARIA, M. F. (2021a). *Alfredo da Silva: biografia*. Lisboa: Leya/Dom Quixote.
- FARIA, M. F. (2021b). *Alfredo da Silva e Salazar*. Lisboa: Leya/Dom Quixote.
- FARIA, M. F. (2021c). *Alfredo da Silva e a 1ª República*. Lisboa: Leya/Dom Quixote.
- FARIA, M. F. & MENDES, J. A. (2010). *Atas do colóquio internacional Industrialização em Portugal no século XX: o caso do Barreiro*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- FARIA, M. F. (2004). *Alfredo da Silva: biografia*. Lisboa: Bertrand.
- FOLGADO, D. (2004). «A Memória ao Negro» ou a salvaguarda como reduto da memória. *Estudos Património*, nº 6, pp. 20-32
- FOLGADO, D. (2005). Património industrial: que memória?. IN V. O. JORGE (coord.) *Conservar para quê?* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 355-366.
- FRÓIS, B. (2019). *O módulo como ferramenta arquitetónica: requalificação para a envolvente da antiga fábrica “Sol”, em Alcântara*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/19249>
- Inquérito industrial de 1881: visita às fábricas do distrito administrativo de Lisboa* (1881). Lisboa: INCM.
- Inquérito industrial de 1881: visita às fábricas do distrito administrativo do Porto* (1881). Lisboa: INCM.
- MARTINS, N. (2018). *A Companhia Carris de Ferro de Lisboa (1901-1926): Política, rede de transportes públicos e evolução urbana*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/43963>
- MEIRELES, M. F. & RODRIGUES, A. (coord.) (1991). *Campanhã: Estudos Monográficos*. Porto: Junta de Freguesia de Campanhã; Câmara Municipal do Porto.

MENDES, J. A. (2006). Industrialização e património industrial: desenvolvimento e cultura. *VIII Curso de Verão da Ericeira do Instituto de Cultura Europeia e Atlântica*, disponível em http://www.icea.pt/Actas/21_10h30m_Jos%C3%A9%20A%20Mendes.pdf

MENDES, J. A. (2013). *Estudos do património: museus e educação*. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade.

MIRA, M. R. & CABEÇAS, R. M. (2021). O tempo do exílio II: CUF Espanha. In M. F. FARIA (coord.), *Alfredo da Silva e a I República*. Lisboa: Leya/D. Quixote, pp. 177-196.

NOÉ, P (1992). *Quinta da Torre das Donas: Portal Proveniente do Palácio do Freixo*. Lisboa: Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, disponível em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4124

OLIVEIRA, C. (1932). *O concelho de Gondomar: apontamentos monográficos*. Porto: Imprensa Moderna

PIMENTEL, A. (1877). *Guia do viajante na cidade do Porto e seus arrabaldes*. Porto: J. E. da Costa Mesquita Editor.

Princípios de Dublin (2011). Dublin: ICOMOS; TICCIH, disponível em <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2017/12/Princi%CC%81pios-de-Dublin.pdf>

Regulamento geral dos serviços de saúde e beneficências pública (1901) disponível em: <http://www.cdf.pt/archeevo/viewer?id=1004092&FileID=160967>

REIS, A. C. (2021). A preservação do maior arquivo empresarial em Portugal: breve roteiro documental. In. A. F. SILVA (coord.), *O Arquivo Histórico CUF-Alfredo da Silva: um Passado com Futuro*. Lisboa: Principia, pp. 45-63.

Ricardo Jorge: o destacado médico que dá o nome a este Instituto (2015). *Instituto Nacional de Saúde Ricardo Jorge*, disponível em: <https://www.insa.min-saude.pt/ricardo-jorge-o-destacado-medico-que-da-o-nome-a-este-instituto/>

RODRIGUES, C. (2017). *A transformação da área industrial de Alcântara: dois casos de estudo: Alcântara-rio e Lx Factory*. Dissertação de Mestrado apresentada ao ISCTE, disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/2650>

SAMPAIO, M. L. (2013). Cem anos de história da indústria na Rua do Freixo -Campanhã. In B. MONTEIRO e J. D. PEREIRA (Orgs.), *De pé sobre a terra. Estudos sobre a Indústria, o Trabalho e o Movimento Operário em Portugal*. Porto: Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Departamento de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, pp. 561-587, disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/11192>

SEQUEIRA, J. (2015). *De Almeirim à CUF : os empreendimentos fabris do Visconde da Junqueira*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/18318>

SEQUEIRA, J. & CASIMIRO, T. (2017). “O seu a seu dono”: o visconde da Junqueira e a fundação da CUF (1865). *Património Industrial: Boletim Informativo da Associação Portuguesa Para o Património Industrial*, 4ª série, nº 123, (junho).

SILVA, A. F. (2021). Emergência da expansão do grupo empresarial CUF (1865-1975). In A. F. SILVA (Coord.), *O Arquivo Histórico CUF-Alfredo da Silva: um passado com futuro*. Lisboa: Principia, pp. 67-81.

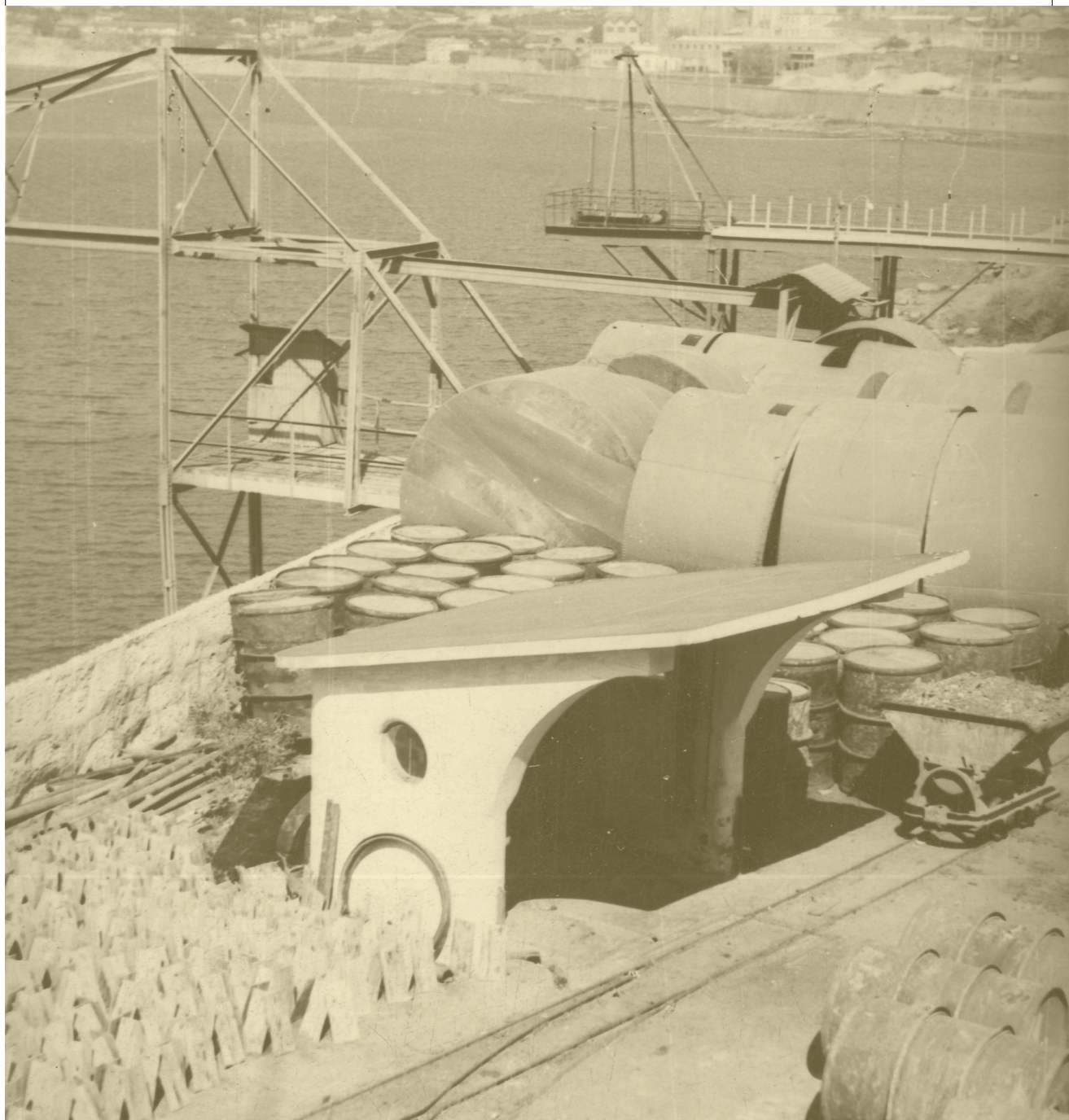
SILVA, J. M. P. (2012). *Reutilização de Edifícios Industriais em Lisboa para a criação de Residências Universitárias*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada no Instituto Superior Técnico. Lisboa, disponível em: <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395144994094/Tese%20ACABADA.pdf>

SILVA, L. S. (2005). Título de Registo de Nome. *Fábrica Sol*, 2005, disponível em: <http://fabricasol.blogspot.com/2005/11/o-1-alvar-da-fbrica-sol.html>

SOUSA, M. R. (2022). Intervenção de Sua Excelência o Presidente da República. In M. B. CRUZ (coord.), *Atas da Conferência Nacional «150 Anos de Alfredo da Silva»*. Cascais: Principia, pp. 353-356.

TÁVORA, F. (2003). *Recuperação do Palácio do Freixo*. Disponível em <https://arquivoatom.up.pt/index.php/recuperacao-do-palacio-do-freixo>

VIDAL, F. (2013). Os operários na cidade: identidades profissionais e relações de vizinhança em alcântara no início do século XX. In B. MONTEIRO e J. D. PEREIRA (Orgs.), *De pé sobre a terra. Estudos sobre a Indústria, o Trabalho e o Movimento Operário em Portugal*. Porto: Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da universidade do Porto e Departamento de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, pp. 691-709, disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11899.pdf>







A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRI
A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRI
OS SABÕES DA CUF NO PORTO OS SABÕES DA CUF NO PORTO
OS SABÕES DA CUF NO PORTO OS SABÕES DA CUF NO PORTO
A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRI
A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRI
OS SABÕES DA CUF NO PORTO OS SABÕES DA CUF NO PORTO
OS SABÕES DA CUF NO PORTO OS SABÕES DA CUF NO PORTO
A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRI
A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRI
OS SABÕES DA CUF NO PORTO OS SABÕES DA CUF NO PORTO
OS SABÕES DA CUF NO PORTO OS SABÕES DA CUF NO PORTO
A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRI
OS SABÕES DA CUF NO PORTO OS SABÕES DA CUF NO PORTO
OS SABÕES DA CUF NO PORTO OS SABÕES DA CUF NO PORTO
A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRICA DO FREIXO A FÁBRI

A Fábrica do Freixo: os sabões da CUF no Porto é uma investigação que põe em proeminência o património industrial, a sua recuperação e preservação, em nome da história e da memória da cultura material. A Companhia União Fabril, associa-se fundamentalmente ao Barreiro, mas está patente em vários outros locais, como é o caso do Porto.

A fábrica de sabões do Freixo foi um empreendimento CUF, numa zona de marcada presença de saboarias. Este trabalho foca-se na iniciativa de Alfredo da Silva ao adquirir a fábrica, ao serviço da CAF, e ao relançá-la em nome da CUF. Aborda-se o contexto inicial das saboarias da CUF em Alcântara, bem como no Grande Porto, elencando dezenas de empreendimentos fabris, com as respetivas moradas e proprietários. Sublinha-se a cronologia da fábrica de sabão da CUF, desde o fundador da Quinta do Freixo até ao atual hotel Pestana Douro Riverside, passando pelos diferentes proprietários e investidores no local. As autoras, Raquel Medina Cabeças e Madalena Romão Mira são investigadoras do Centro de Estudos de História Empresarial da Universidade Autónoma de Lisboa, e já colaboraram em anteriores trabalhos sobre a CUF e Alfredo da Silva.



**ALFREDO
DA SILVA**
O FUTURO
COMO TRADIÇÃO

150
ANOS



FUNDAÇÃO
AMÉLIA DE MELLO
desde 1964



AUTÓNOMA
edições